

As comunidades eclesiais de base e os desafios da cidade



3 Paulo Apóstolo e a evangelização
no mundo urbano
Tea Frigerio

11 Os Intereclesiais de CEBs no Brasil
Nelito Dornelas E Magda G. de Melo

19 A espiritualidade das CEBs no
mundo urbano
Emerson Sbardelotti

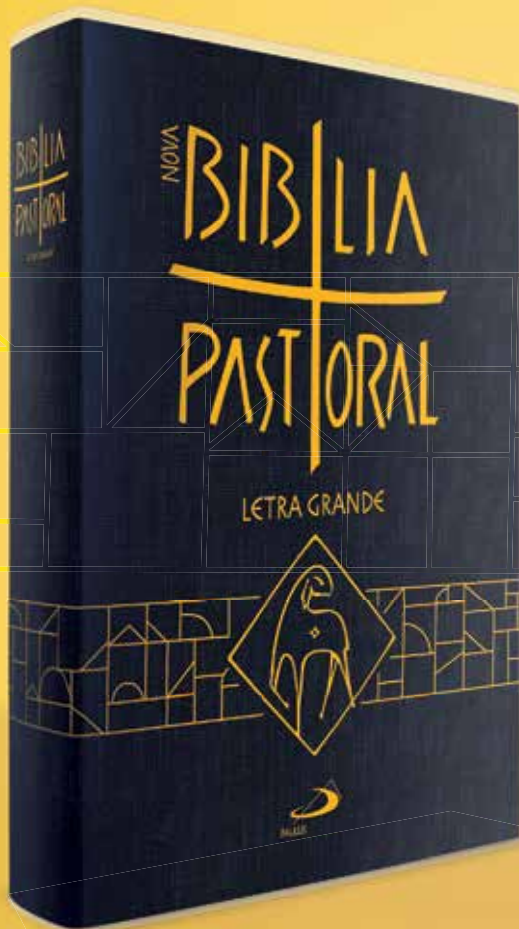
31 A estética da Fé pelas
mãos do Povo das CEBs
Elinaldo Meira

37 Roteiros homiléticos
Aíla L. Pinheiro de Andrade, nj

Nova Bíblia Pastoral

Confira também a versão com letra **grande!**

Formato: 13,7 cm x 21 cm | 2.168 páginas



MATEUS 1-2

MA
anjo do Senhor
e acolheu su
relações co
luz um filh
nome de

2 Visita

2 Jesu

deia, t

que v

ram

"O

judeu

trela ne

lhe prest

isso, o rei He

Jerusalém toda

então todos os chefes

tes e os doutores do povo

perguntou onde o Messias devia

nascer. "Eles lhe responderam: "Em

Belém da Judeia. Pois assim está es

crito por meio do profeta: "E você,

Belém, terra de Judá, não é de modo

algum a menor entre as principais

de Judá. Porque de você sairá um

líder, que apascentará meu povo

Israel". Então Herodes chamou em

segredo os magos e investigou junto

a eles sobre o tempo em que a estrela

tinha aparecido. Depois os enviou a

Belém e disse: "Vão e procurem ob

ter informações exatas sobre o me

glu um rival. Já outros, estrangeiros, sensíveis às indi

cações e à novidade, buscam o Salvador. Como se vê,

um cenário tenso, que vai marcar toda a atividade de

Jesus, até chegar à cruz.

13-22: Enquanto no passado Moisés fugiu "do" Egito,

Jesus agora foge "para o" Egito: a terra prometida se

tornou o lugar da violência e da opressão. Jesus realiza

no início de sua história um trajeto semelhante ao de

Moisés, e assim evidencia o sentido de sua ação: traze

do Messias de Deus. Deslocando-se para Nazaré da

Galiléia, a periferia de Israel, começará daí sua atuação

libertadora.

filho. E ele o chama
me de Jesus.

2 Visita dos magos – "Depois Jesus nasceu em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos do oriente chegaram a Jerusalém, perguntando: "Onde está o recém-nascido rei do judeus? Porque avistamos sua estrela no oriente e aqui vimos para lhe prestar homenagem". Quando o rei Herodes ficou abalado com o sonho a José, dizendo: "Levante-se, pegue o menino e a mãe dele, e fuja para o Egito. Fique aí até que eu lhe avise, porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo". "Ele se levantou, e de noite pegou o menino e a mãe dele, e foi para o Egito." "E aí ficou até a morte de Herodes, para se cumprir o que o Senhor tinha dito por meio do profeta: "Do Egito chamei o meu filho".

**Facilidade e conforto na
hora de ler a Palavra de Deus.**

A **Nova Bíblia Pastoral** é ideal para encontros de catequese, grupos de estudo ou oração e para você, que acredita na força da Palavra de Deus como alimento para a alma.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



editorapaulus



PAULUS

Paróquia Renovada

sinal de esperança

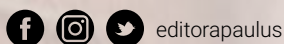
DOM EDSON ORIOLO



136 páginas

Neste livro, Dom Edson Oriolo aborda o desafio de anunciar o Evangelho no mundo atual, refletindo sobre a paróquia. O autor demonstra que as “células vivas” em que consistem as paróquias e que compõem a Igreja Particular continuam sendo a forma primordial da presença da Igreja, instrumento de evangelização e lugar de discipulado e vivência missionária da fé.

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

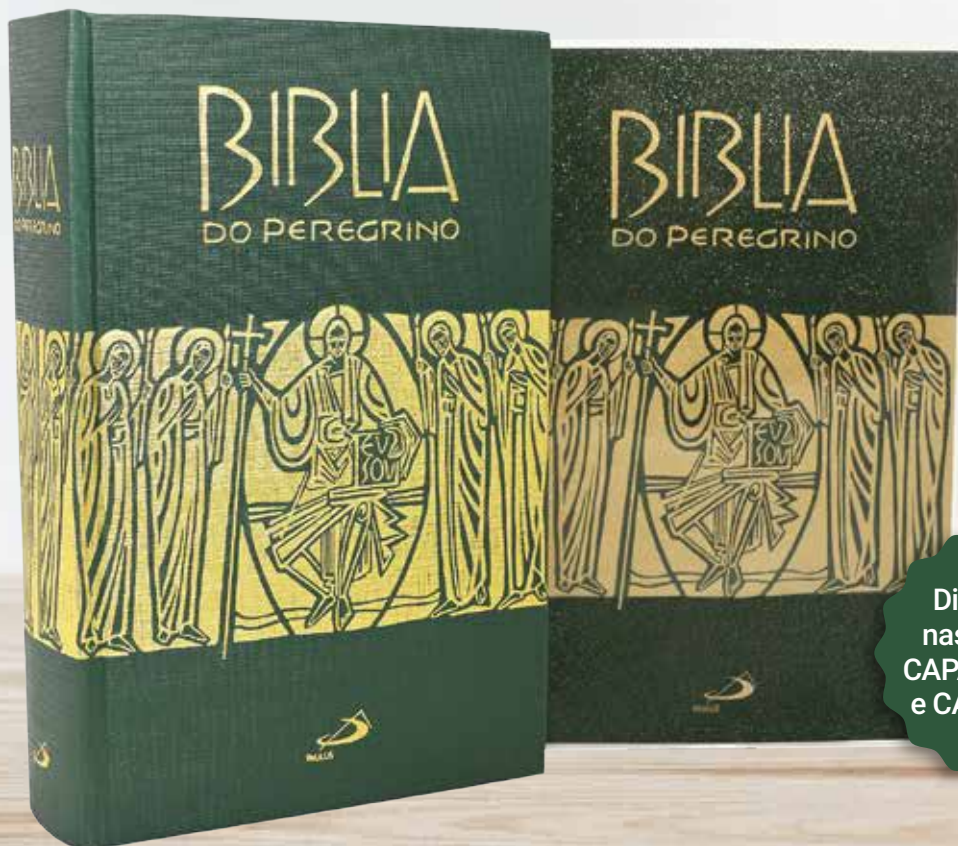


BÍBLIA DO PEREGRINO

A Bíblia do Peregrino é uma obra de uso múltiplo: ideal para o aprofundamento na Palavra, é também um guia para meditação pessoal e um texto completo para o estudo bíblico.

A edição destaca-se pela quantidade de notas e comentários, que oferecem rica análise das Escrituras, e pela tradução idiomática, que reproduz o estilo poético com que a Bíblia foi escrita originalmente.

Bíblia do Peregrino. Leve sempre com você a Palavra de Deus.



Disponível
nas versões
CAPA CRISTAL
e CAPA DURA

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

   [editorapaulus](https://www.editorapaulus.com.br)


PAULUS

Prezadas irmãs e prezados irmãos, graça e paz!

O papa Francisco tem insistido na expressão “Igreja em saída”. Trata-se de uma tônica em seus discursos aos bispos, aos padres e aos cristãos em geral. Não somente nos discursos, mas sobretudo nos gestos, o pontífice tem dado testemunho de uma Igreja que não se acomoda na sacristia e nos escritórios frios, que não se auto-referencia, mas vai ao encontro dos que estão nas periferias geográficas e existenciais.

Nas rodas de conversas nas comunidades, muitas vezes se exaltam e se consideram bonitos os discursos e os gestos do papa. Mas isso não basta. É preciso aplicá-los em nossa vivência pastoral. O que Francisco tem feito é sinal da fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo, que passou pelo mundo fazendo o bem: “Ele sempre se mostrou cheio de misericórdia pelos pequenos e pobres, pelos doentes e pecadores, colocando-se ao lado dos perseguidos e marginalizados. Com a vida e a palavra anunciou ao mundo que sois Pai e cuidais de todos como filhos e filhas” (Oração Eucarística VI-D).

A insistência do papa é bíblica. Desde Abraão, passando por Moisés e por todos os profetas, Deus chama e envia. Ninguém é chamado para se instalar em seu próprio mundo. O envio é para anunciar a boa notícia e testemunhar a alegria de caminhar com Deus. Em Jesus Cristo, o enviado do Pai, a boa notícia se plenifica. Ele mesmo envia os seus discípulos: “Vão pelo mundo todo, proclamem o evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Este mandato deve ecoar todos os dias nos ouvidos dos cristãos de hoje.

No começo e no fim do seu ministério, Jesus contou com o trabalho de colaboradoras e colaboradores. É interessante notar que ele não envia os discípulos sozinhos, envia-os dois a dois. A narrativa do evangelista Lucas enfatiza: “O Senhor escolheu outros setenta e dois e os enviou à sua frente, dois a dois, a toda cidade e lugar aonde ele devia ir” (Lc 10,1). Daí um dos aspectos

fundamentais da vida cristã: a vida em comunidade e, por conseguinte, o trabalho em equipe.

A Igreja, nascida da Trindade, é essencialmente comunitária. Feita de santos e também de pecadores, tem o desafio de viver e anunciar a boa-nova do reino de Deus no terreno da história estando, portanto, rodeada por contradições. Porém, jamais se permite paralisar frente aos desafios e contrariedades, porque é guiada pelo Espírito Santo e confiada à promessa do Mestre: “Eis que estou com vocês todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20). Por isso, enxerga à sua frente horizontes de esperança, não obstante um mundo marcado pela dor e pela morte.

Em todo tempo e lugar, a comunidade cristã encontrou formas de superar a anestesia que, por vezes, tenta se apoderar dela. Um dos grandes e inspiradores eventos da história da Igreja foi o Concílio Vaticano II (1962-1965). Dentre as muitas iniciativas advindas das decisões do concílio, destacamos o nascimento das comunidades eclesiais de base, as CEBs, que encontraram terreno fértil na América Latina e, especialmente, no Brasil.

Esta edição é uma colaboração ao 14º Intereclesial de CEBs, que ocorrerá em Londrina, PR, nos dias 23 a 27 de janeiro de 2018, com o tema: “CEBs e os desafios no mundo urbano” e o lema: “Eu ouvi os clamores do meu povo e desci para libertá-lo” (Ex 3,7).

Jesus continua enviando discípulas e discípulos a toda cidade e lugar. Os desafios são inúmeros. Peçamos ao Espírito que nos guie no caminho para que sejamos fiéis ao nosso batismo. As comunidades, inspiradas na palavra de Deus e atentas à realidade, sejam sempre “Igreja em saída”, dóceis ao Espírito e preparadas para enfrentar os desafios das cidades. Boa leitura e feliz missão!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
MTB 11096/MG
Conselho editorial Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito,
Pe. Claudiano Avelino dos Santos,
Pe. Darci Marin e Pe. Paulo Bazaglia
Ilustrações Elinaldo Meira
Editoração Fernando Tangi

Revisão Iranildo Bezerra Lopes e Alexandre Soares Santana
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus.
A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas
postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria
Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser
efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante
(nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contri-
buição espontânea para a manutenção da revista. Para os que
já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acres-
centar aos dados também o código de assinante.

Para contato:
E-mail: assinaturas@paulus.com.br
Tel.: (11) 3789-4000
Fax: (11) 3789-4011

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de compro-
vante de depósito da contribuição para despesas postais para:
Revista *Vida Pastoral* – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:
Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7
Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP
Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE
Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA
Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG
Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF
SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasil@paulus.com.br

CAMPINAS – SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS
Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR
Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC
Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE
Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO
Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB
Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM
Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN
Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS
Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP
Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ
Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA
Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP
Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP
Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

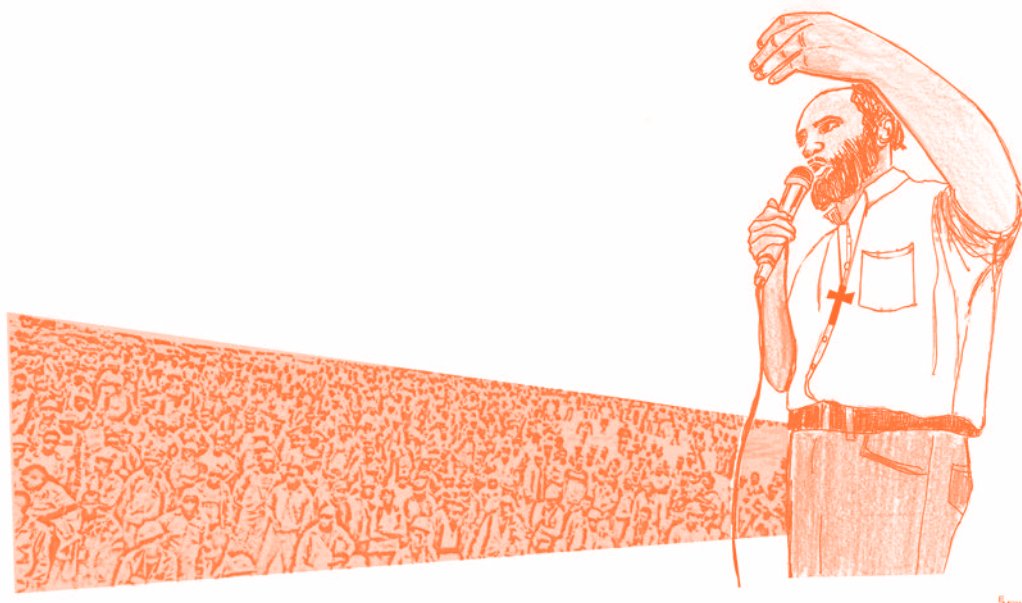
SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP
Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES
Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



Paulo Apóstolo e a evangelização no mundo urbano

Tea Frigerio*

O tema escolhido para o 14º Intereclesial desafia as CEBs a tornarem-se ouvidos que ouçam o silêncio ensurdecedor dos que vivem na cidade, dos que estão na periferia das cidades geográficas e existenciais. Este artigo considera o modo peculiar do apóstolo Paulo de anunciar a boa notícia.

*Tea Frigerio é Missionária de Maria – Xaveriana. Vive em Belém do Pará, é assessora do CEBI e assessora nacional das CEBs. Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Gregoriana, Roma; mestre em assessoria bíblica pela Universidade EST, São Leopoldo. E-mail: t_frigerio@hotmail.com

Introdução

O ambiente nos forma. Foi assim com Paulo! Ele é pessoa de cidade: nasce em Tarso, forma-se em Jerusalém, passa sua vida sob o domínio de Roma, Damasco é fundamental na sua vida. Antioquia é sua comunidade de referência e onde começa sua missão de apóstolo; toda sua vida missionária se desenvolve nas cidades greco-romanas. Sua missão o levará às cidades da Ásia Menor e Grécia. É nessa itinerância que se declarará cidadão romano (At 22,25-29). Declaração que lhe merecerá terminar seus dias em Roma, capital do Império (At 28,16.30-31).

1. A cidade forma Paulo

As cidades formaram Paulo, nelas nasceu e se tornou homem adulto. Em Tarso, com o leite materno, bebeu à fonte do judaísmo da diáspora, no qual a fidelidade à lei judaica se colorava de filosofia e poesia grega; em Jerusalém, bebe à fonte do judaísmo rabínico fiel ao Deus da vida na formatação da Lei. Da-



masco o pão em xeque: o Deus que vê e ouve o clamor de seu povo, que se encarnou na história em Jesus de Nazaré, o crucificado e ressuscitado, vive na comunidade e se identifica com os crucificados da história.

A comunidade cristã multicultural de Antioquia o acolhe e envia às cidades onde urge anunciar a boa-nova de Jesus, o Cristo. Cidadão romano, conhece por dentro a estrutura opressora e excludente do Império e das cidades greco-romanas. Conhece sua força de irradiação e nelas vê o povo marginalizado e escravizado, então ousa abrir trilhas que saem do traçado, fiel ao Deus que ouve o clamor do povo, enxertando-se em Jesus de Nazaré, o Cristo, e anunciando a boa-nova da liberdade, igualdade e solidariedade.

“Eu vi, ouvi os clamores do meu povo e desci para libertá-lo” (Ex 3,7) é a memória fundadora da fé israelita. Palavras evocativas do olho-d’água que deságua num rio que percorre toda a experiência do povo de Israel, dos profetas, de Jesus, de Paulo, das primeiras comunidades e que papa Francisco retoma hoje, indicando-nos o chão onde afundar nossas raízes, a seiva da qual beber.

Esta memória fundadora nascida na experiência do êxodo, mantida viva pelos profetas, deságua em Jesus Cristo. Jesus, fiel a ela, anunciou a boa-nova do Reino no mundo judaico, na Palestina, numa cultura onde predominava o pensamento rural; essa memória realiza-se no tempo e na história por meio daqueles e daquelas que se põem no caminho do discipulado. Entre eles se destaca Paulo, que experimenta seu chamado em continuidade à vocação profética e a vive anunciando a boa-notícia de Jesus no mundo greco-romano, eminentemente mundo da cultura de cidade.

2. Como Paulo se enxertou na utopia de Jesus de Nazaré?

Jesus passou 30 anos de sua vida em Nazaré, vila próxima das cidades de Cafarnaum e Séforis, compartilhando a vida do povo. Na Galileia, percebeu que a estrutura de dominação do império romano e a estrutura religiosa do judaísmo formal oficial haviam desintegrado e quebrado as relações da “casa”, as antigas relações de solidariedade no meio do povo. A memória histórica do êxodo, dos profetas, dos *anawim*, dos pobres, de Javé, que desce e caminha na história do povo, levou-o a deslocar-se da vila de Nazaré e percorrer os caminhos da Galileia, da Samaria, da Judeia, para reconstruir as relações da “casa”.

Desde o ventre da mãe, Jesus coloca-se a caminho, entra nas casas, senta à mesa e transforma e reconstrói as relações: econômicas, políticas, sociais, de classe, de gênero, étnicas, religiosas. Reconstruir a casa é apressar a vinda do reino de Deus ao meio dos pobres, os excluídos da história. Os discípulos de Emaús são o ícone das primeiras comunidades: caminho, casa, mesa, missão; neles vislumbremos a semente das CEBs.

O Movimento de Jesus é a continuidade desta utopia: reconstruir as relações na casa. Os pequenos “quadros” nos Atos dos Apóstolos (At 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16) nos falam desta utopia, dos primeiros passos, das experiências ousadas, com seus acertos e desacertos, daqueles conhecidos como “os do Caminho”. Somente em Antioquia, capital da província romana da Síria, uma Roma em miniatura, é que terão sua identidade reconhecida e serão chamados de “cristãos”. É nesta comunidade ecletica e circular que Paulo é acolhido e es-

“As cidades formaram Paulo, nelas nasceu e se tornou homem adulto. Em Tarso bebeu à fonte do judaísmo da diáspora na qual a fidelidade à lei judaica se colorava de filosofia e poesia grega”



colhido para fazer parte da equipe missionária (At 13,1ss).

No caminho de Damasco, Paulo penetra no mistério que lhe é revelado: “Quem és?” “Eu sou Jesus, a quem persegues”. Jesus, o crucificado, está vivo e identifica-se com a comunidade que Paulo persegue (At 9,5ss). Este compreende que o movimento do Caminho é continuidade, concretização histórica da memória profética de Javé libertador, da utopia de Jesus de Nazaré: reconstruir a “casa”. E, em sua itinerância, vai viver isso, vai fazer sua esta utopia, abrindo picadas, ousando inculturar.

Enxertando no mundo greco-romano a boa-nova da “casa”, torna-se “ekklesia”. A sua Nazaré será a periferia das cidades, o mundo do trabalho manual; sua opção é identificar-se com os últimos, como Jesus de Nazaré. Deste lugar social, anunciará o evangelho, que é de Deus, a boa notícia de Jesus, o Cristo (1Ts 2,1-7). Convoca a constituir a “ekklesia na casa de...”, alternativas à *ekklesia* das cidades. Em 1Cor 1,26-31, delinea o retrato dessa *ekklesia* alternativa: “entre vós não há muitos sábios... poderosos..., mas Deus escolheu o que não é para confundir o que é...”, retrato expresso magistralmente na profissão batismal de Gl 3,28: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus”.

A *ekklesia* era a assembleia da cidade onde as relações eram piramidais e marcadas pelo estatuto de cidadão, garantido pelo “status” de posse de bens, de nome, de saber; o poder era controlado por uma elite restrita, excluindo cidadãos não residentes, artesãos, trabalhadores manuais, mulheres e, naturalmente, os escravos. Na *ekklesia*, assembleia das comunidades, as relações são transformadas, são alternativas, vive-se a circularidade dos bens, do poder, do saber, dos afetos: ser cristão é ser membro do cor-

Igreja Comunhão viva

Paul Lakeland



Seguindo o conselho de Bernard Lonergan, Lakeland adota neste livro um enfoque decididamente indutivo à reflexão eclesial. Ele analisa questões que a Igreja deve abordar, tanto as que afetam a atuação interna da comunidade de fé como as que dizem respeito às suas relações com outros grupos, religiosos ou seculares.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





po de Cristo, comprometido em fazer circular a vida (1Cor 12,12ss), não se amoldar à lógica do mundo (Rm 12,2), proclamar a cidadania da liberdade, da igualdade, da solidariedade (Gl 5,1).

3. Comunidades na cidade

Missão é tarefa fundamental da Igreja: define-se em saída, enviada. Missão é a dimensão da Igreja que se abre para além de si mesma a fim de ser fermento no meio de outras culturas e religiões.

Paulo adota o sistema de itinerância e de apoio das casas, mas não quer depender das pessoas. Cria espécies de cooperativas de trabalhadores. Como ele era fabricante de tendas, reunia os tecelões e aí, trabalhando, pregava o evangelho: ou, se preferirmos, pregando o evangelho, trabalhava.

A cidade olha para o mundo, para a humanidade, para o transcendente, para a religião, com uma ótica totalmente diferente daquela do mundo rural. Paulo, marcado pelas cidades que o formaram, vive sua vocação numa continuidade profética, mas sua linguagem e suas opções se inserem no movimento apocalíptico com a finalidade de criar um universo de pensamento alternativo ao pensamento ideológico massificante romano. A profecia nasceu do lado do povo que se sentia responsável pela história. No momento em que o povo faz a experiência de ser uma pequena etnia em meios aos impérios “globalizados”, experimentando que a história foge ao seu controle, escapa de suas mãos, quando tudo parece perdido, a profecia renasce na apocalíptica. Não nasce do lado do poder, mas do lado de quem sofre na história e se sente perdido nela. Não nasce do lado de quem se sente dono dos destinos das nações

e dos povos, mas do lado dos pequenos, que são privados de qualquer poder e são oprimidos por quem domina a história. Profecia e apocalíptica são expressão da fé em Javé, aquele que era, é e vem.

A fé apocalíptica anima a permanecer, a resistir na luta criando pensamentos e práticas alternativas. A fé em Deus, que continua sendo o Senhor da história, proporcionava aos que resistiam capacidade de ler a história. Com esta fé aparentemente irreal, sem fundamento, visionária, eles souberam resistir aos poderes que os ameaçavam, perseguiam e marginalizavam.

Quando a comunidade cristã surge no meio de um poder tão abrangente, nasce justamente como um grito de esperança. De uma esperança que é “escândalo” e “loucura” (1Cor 1,21-25), porque não corresponde à racionalidade do poder, mas surge como experiência da cruz. É uma racionalidade incompreensível para os poderes deste mundo (1Cor 2,2-8).

Que esperança tinha a comunidade cristã nascente de sobreviver, de impor sua existência, sua fé? “... para anunciar o evangelho sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo...” (1Cor 1,7b-31).

Ao escrever isto, Paulo manifesta uma consciência lúcida: o que são? O que valem os da comunidade de Corinto na organização da *pólis*, na estrutura massificante do Império? Eles são um nada, seja numericamente, seja qualitativamente; eles não têm nenhum poder. Crer nas comunidades era “loucura” e “escândalo”. Mas é nesse universo ideológico radicalmente diferente que Paulo aposta.

Para os cristãos de Tessalônica e seus irmãos da região, que sentido tinham suas lutas, padecimentos, mortes? A eles Paulo

**“Na ekklesia,
assembleia das
comunidades,
as relações são
transformadas,
são alternativas,
vive-se a
circularidade dos
bens, do poder,
do saber, dos
afetos”**



escreve: “Empenhai a vossa honra em levar uma vida tranquila, ocupai-vos dos vossos negócios e trabalhai com as vossas mãos, conforme as nossas diretrizes. Assim levareis uma vida honrada aos olhos de fora e não tereis necessidade de ninguém” (1Ts 4,10–5,11).

Palavras que fogem à ideologia imperante e por isso se colocam em outro universo ideológico com a finalidade de alimentar a utopia, através da esperança. Esperança se transforma em identidade: “nós que cremos”. O universo ideológico, a fé alternativa, gera reconhecimento, união, força para resistir aos de “fora”, que proclamam uma “paz, segurança”, ilusória.

Quem é “crente”? Qual é a identidade que querem manter? No mundo que despreza o trabalho manual, o povo da roça, e só preza os sábios, os espirituais, os cidadãos, Paulo estimula os tessalonicenses a viver orientados por outros valores, outras estruturas, outras utopias.

São esses pensamentos, reflexões, perguntas que fazem nossa cabeça fervilhar.

Fervilhar como a cabeça de Paulo devia fervilhar, ao escrever a carta aos Gálatas. Como devia fervilhar quando lhe relataram as divisões presentes na comunidade de Corinto. Como devia fervilhar ao olhar a atitude passiva dos cristãos de Tessalônica que esperavam a volta iminente de Jesus, o Senhor. Como devia fervilhar para encontrar as palavras certas para escrever a Filemon. Como devia fervilhar diante da escravidão e exclusão, marcas registradas do império romano. Como devia fervilhar quando deu voz ao gemido da criação cativa. Como devia fervilhar ao refletir a respeito da experiência de liberdade que vivia após o acontecimento de Damasco. Como devia fervilhar ao se interrogar sobre os passos a serem dados para que outros, outras, pudessem viver essa experiência tornando-se igreja, assembleia, casa, comunidade, espaço de relações alternativas.

Talvez o que nos falta hoje é justamente nos deixar desafiar, deixar borbulhar perguntas, deixar a cabeça fervilhar, nos permitir sair do traçado. Como Paulo ousou sair do traçado.

4. A novidade cristã

Sair do traçado é o que Paulo fez. Sair do traçado judaico. Sair do traçado de cidadão romano. Sair do traçado dos critérios apostólicos. Sair do traçado e abrir picada, abrir caminho novo. Sair do traçado e deixar-se guiar pela força da Palavra, pela força do Espírito, pela força dos acontecimentos.

Sair do traçado e, com seu anúncio, convocar experiências humanas e comunitárias inéditas para seu tempo. Num mundo onde tudo falava de escravidão, Paulo, com ousadia, anuncia o evangelho da liberdade: “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1.13). Em face da escravidão, que tornava as pessoas ferramentas animadas, a elas devolve dignidade e exige uma nova relação, “não mais como escravo, mas como irmão amado” (Fm 16). Diante da estrutura escravagista, patriarcal, que relegava cada pessoa a uma categoria social, numa pirâmide estratificada e imutável, ele ousa propor relações de amor e solidariedade (1Ts 4,9-10). À escravidão religiosa que amarrava a práticas exteriores, que erguia muros de separação, que tornava a experiência espiritual uma prisão, ele contrapõe a relação filial (Rm 8,15). Ao patriarcado que fazia das mulheres cidadãs de segunda categoria, considerando-as menores e mantendo-as sob a jurisdição do “pai de família”, do marido, ele escreve: “A mulher não dispõe de seu corpo; mas é o marido quem dispõe. Do mesmo modo, o marido não dispõe de seu corpo; mas é a mulher quem dispõe” (1Cor 7,4). Ele as apresenta, portanto, como suas colaboradoras, reconhece sua autoridade e direito de profetizar (Rm 16,1ss; 1Cor 11,5a).

Paulo ousa falar de liberdade, pois a experiência que ele estava vivendo era de pro-



funda liberdade (1Cor 9,1.19). Experiência de liberdade que o torna capaz de ler seu momento histórico, que lhe faz intuir e traçar o caminho: criar uma linguagem, um pensar, uma ideologia, um crer alternativo ao sistema vigente; que o torna ousado, capaz de traduzir a boa notícia nascida num mundo rural para o mundo da cidade; capaz de inculturar a boa-nova do Reino, enraizada na religião judaica, num mundo pluricultural e plurirreligioso; capaz de colocar em xeque a circuncisão; capaz de fazer sentar à mesma mesa judeus e gregos.

Experiência de liberdade que marcou seu caminho missionário, que o tornou ousado na escolha dos itinerários, que o tornou destemido, sem medo de ser abandonado, criticado, combatido, acusado, que o tornou capaz de amar profundamente seu povo de origem, até largá-lo e voltar-se para outro povo, a fim apontar e seguir os caminhos do Espírito.

Liberdade, palavra badalada em todos os tempos. Em nosso tempo, essa palavra se colore de direitos pessoais e cidadania. Valores que são faces da mesma moeda, mas, na cidade, frequentemente se tornam conflituosos. Quanto mais cresce a consciência da dignidade do ser humano e seus direitos, mais aumenta o valor de cada pessoa; proporcionalmente, parecem fortalecer-se as estruturas e os mecanismos que negam na prática os valores democráticos e os direitos que as lutas conquistaram.

A liberdade, a caridade, o poder-serviço questionam as estruturas do mal. Não podemos fugir do poder: o poder é, nós somos poder. Não há como escapar: viver é poder. A questão está ligada ao exercício do poder: com autoritarismo ou participação; concentrando ou partilhando; dominando ou servindo; impondo ou buscando consenso. O

serviço é o jeito cristão de exercer o poder: “Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus” (Fl 2,5).

Ao falar de liberdade, de dignidade, de poder, estamos tocando o coração da pessoa humana; estamos tocando a convivência humana, convivência que hoje se expressa prioritariamente no mundo urbano.

Afirmar isso é provocar perguntas, questionamentos: Por que em nossas igrejas temos tanto medo de viver experiências de cidadania? Por que nossas igrejas falam tanto de democracia, mas têm medo das experiências de partilha de poder? Por que, em nossas igrejas, há competição pelo poder, e não pelo serviço? Assumir isso é assumir que a boa notícia do Reino tem dimensão política que nos compromete nas mudanças históricas. Aponta-

-nos o lugar social de onde o novo deve brotar. Indica aqueles que devem ser os protagonistas do processo.

A cidade, no processo migratório que expulsou a população do campo, tornou-se “terra prometida”. Terra que nunca foi ocupada, porque nela a maioria vive à margem, e não só geograficamente. Isso interroga e desafia. As CEBs conseguirão, através de sua fé e prática, tornar a cidade espaço habitável? Conseguirão criar espaços alternativos, “casa” para os que não têm casa? Conseguirão oferecer espaço de inclusão, direitos e cidadania? Conseguirão superar a tentação de fechamento e aceitar parcerias, conviver com o diferente e somar na rede que se articula em favor da vida?

5. Que é loucura? Que é escândalo?

A boa-nova de Jesus, inculturada pela experiência paulina nas cidades gregas, torna-se a boa-nova da cidadania, boa-nova da liberdade, da solidariedade, da igualdade, da

“A boa-nova de Jesus, inculturada pela experiência paulina nas cidades gregas, torna-se a boa-nova da cidadania, boa-nova da liberdade, da solidariedade, da igualdade, da inclusão”



inclusão. Mas, para seguir este caminho, temos de olhar a cruz.

Cruz é um discurso complicado: fala de opressão, escravidão, dominação. Cruz é realidade negativa. Então por que a cruz, realidade negativa, tornou-se boa notícia? O fundamento desta transformação revela-se na cruz de Cristo. Em Jesus de Nazaré, a cruz torna-se boa notícia.

As comunidades na periferia do mundo greco-romano acolhem os crucificados e as crucificadas pelas estruturas. Acolhendo, vão ensaiando relações novas, abrindo espaços alternativos em face do sistema da sinagoga e das cidades greco-romanas. Em face do sistema da sinagoga, porque não obedecem às “normas”, porque negam o controle da Lei, porque obedecem ao Espírito, e não à carne, porque fazem ruir os muros de separação. Em face do sistema greco-romano, porque fogem do clientelismo, da “casa” regida por pessoa de renome que desfrutava do poder de conferir aos de sua convivência maior brilho e prestígio. Fogem do “apadrinhamento”, baseado no dinheiro, que sustentava a dependência e a estratificação social.

A cruz revela o totalmente diferente: aponta o caminho que convida a assumir a vida como cruz a ser resgatada. Assumir a vida como cruz não significa passividade, resignação, e sim empenho para eliminar as cruces criadas pelos sistemas globalizantes e excludentes. Jesus não garante fazer as coisas em nosso lugar; garante ficar conosco: Eu sou aquele que sou, Emanuel, Jesus, o Cristo.

6. O que Paulo conclui, ao olhar o Cristo crucificado?

a) “Os fracos no mundo” são a verdadeira força no mundo. Força real do mundo, pois, com seu trabalho, sustentam o mundo (1Cor 1,26ss).

b) “Sabedoria” é palavra na vida. Quem tem a autêntica sabedoria? Quem tem vida autêntica? Lá embaixo, nos porões da huma-

A Eucaristia

Jesus Cristo se faz alimento para uma refeição espiritual na Igreja

Luiz Antonio Miranda



Este trabalho teológico, bíblico e sacramental é resultado de anos de estudo e meditação. O autor deseja que este livro não seja apenas teológico e bíblico, mas também companheiro espiritual de todos aqueles que têm como meta refletir sobre o Sacramento eucarístico e rezá-lo, pois a Eucaristia é, em suma, alimento vivo para cada cristão que se reúne com outros, incluindo o sacerdote, para alimentar-se com a Palavra de Deus e com a presença real de Jesus Cristo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





nidade, há um pulular de vida. Então lá onde a vida é pisada, lá a palavra fala mais forte (1Cor 1,29s).

7. O que Paulo percebe, ao olhar para as comunidades dos crucificados?

a) “Os povos podem unir-se”: caiu o muro de separação que apartava os judeus dos gentios; eles estão sentados ao redor da mesma mesa, partindo o mesmo pão, sonhando as mesmas utopias (Ef 2,14).

b) “As pessoas convivem”: a estratificação social é quebrada pelas relações novas entre homem e mulher, entre escravo e livre, entre judeu e grego (Gl 3,28). Quando os cristãos comem em mesas separadas, é um escândalo (1Cor 11,17ss; Gl 2,11-14).

c) “O poder se torna serviço, torna-se entrega”: a experiência da fraqueza elimina as atitudes de imposição e alimenta atitudes de

entrega amorosa, de serviço no oferecimento da própria vida. O centro não é mais o eu, mas o irmão, a irmã (1Cor 2,1-5).

8. O que Paulo vislumbra, olhando para as comunidades que congregam os fracos da história?

“Espaço alternativo, experiência nova de dignidade humana.” Vislumbra que é na cruz que se revela a ressurreição. Os crucificados são a revelação mais forte de Deus, pois a comunidade, construindo-se a partir dos excluídos, fala do poder de vida, de ressurreição. Ao ensaiar novas relações, a comunidade pode

afirmar: “A morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está tua vitória? Morte, onde está teu aguilhão? Graças se rendam a Deus, que nos dá vitória por nosso Senhor Jesus Cristo” (1Cor 15,54-56). ●

“Jesus não garante fazer as coisas em nosso lugar; garante ficar conosco: Eu sou aquele que sou, Emanuel, Jesus, o Cristo”

Bibliografia

TAMEZ, Elza. *Contra toda condenação: a justificação pela fé, partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.

TEXTO-BASE do 14º Intereclesial – *CEBs e os desafios do mundo urbano*. Disponível em: <<http://www.cebsdobrasil.com.br/file/836401/texto-base.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

TEXTO reflexão para Assembleia do CEBI. Disponível em: <<https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/cebi.org.br/wp-content/uploads/2017/05/11123702/ANEXO-01-Texto-para-reflex%C3%A3o-Rm-121-2-Tea-e-Clay.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2017.



440 páginas

Bíblia Jovem

A Bíblia não é um livro qualquer. Com a Palavra de Deus, a luz veio ao mundo e nunca mais se apagou! Na **Bíblia Jovem**, novo volume da coleção YOUCAT, você vai encontrar comentários de alguns dos textos da Sagrada Escritura, frases de santos, fotos e perguntas dos jovens.

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

   editorapaulus





Os Intereclesiais de CEBs no Brasil

Nelito Dornelas¹

Magda G. de Melo²

As comunidades eclesiais de base têm sua origem na Palavra de Deus. Surgiram na década de 1960 na América Latina, expandiram-se e se fortaleceram nos anos de 1980. O presente texto faz memória dos encontros intereclesiais realizados no Brasil.

1 Pe. Nelito Nonato Dornelas é da Diocese de Governador Valadares, MG, com especialização em Psicanálise clínica, *practitioner* em PNL e Eneagrama, pós-graduado em Teologia pastoral e dos ministérios pelo McKornick de Chicago, EUA, e Teologia das religiões e Ecumenismo pelo Instituto Bossey, em Genebra, Suíça. Foi assessor da Comissão Oito da CNBB e atualmente é pároco da Paróquia São João XXIII, presidente da Cáritas diocesana e membro da Comissão do Meio Ambiente da Bacia do Rio Doce. E-mail: neldornel@gmail.com

2 Magda Gonçalves de Melo reside em Uberlândia, MG. É coordenadora da Escola de Teologia da Diocese de Uberlândia, funcionária aposentada do Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia, graduada em Direito e Administração, com especialização em Teologia das religiões e Ecumenismo no Instituto Bossey, do CMI, em Genebra, Suíça, estudante de Psicanálise em Vitória, ES. E-mail: magdamelo.magda@gmail.com

Introdução

As comunidades eclesiais de base (CEBs) são a Igreja da base, o chão, o alicerce, a *célula inicial*, o *primeiro e fundamental núcleo eclesial* (Medellín, 15, 10); a *Igreja dos pobres* (João XXIII e papa Francisco), a *expressão do amor preferencial da Igreja pelo povo simples* (Puebla, 643). A Igreja da base é, portanto, constituída por pequenas comunidades de pobres e de pessoas solidárias aos pobres que estão a serviço dos pobres. Nas palavras do teólogo Clodovis Boff, “à irrenunciável ‘opção preferencial pelos pobres’ em nível de sociedade corresponde a ‘opção preferencial pelas CEBs’ em nível de constituição da Igreja”. “A opção pelos po-



bres está implícita na fé cristológica, pois Jesus se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza” (Bento XVI, discurso inaugural da Conferência de Aparecida, 2007).

1. Os Encontros Intereclesiais de CEBs

O 1º Encontro Intereclesial de CEBs

As comunidades eclesiais de base surgiram na década de 1960, expandiram-se e fortaleceram-se nos anos de 1980. No princípio, muitas das comunidades de base eram experiências isoladas no interior das paróquias ou dioceses que as tomavam como prioridade pastoral. Com sua multiplicação e diversificação, brotou a necessidade de uma maior articulação entre as comunidades.

A ideia do primeiro Intereclesial de CEBs nasceu de uma conversa informal entre o então bispo auxiliar de Vitória, ES, dom Luiz Gonzaga Fernandes, o historiador Eduardo Hoornaert e o dominicano frei Betto num banho de praia em janeiro de 1974. Um ano depois, entre os dias 6 e 8, na cidade de Vitória, aconteceu o primeiro Intereclesial de CEBs. Participaram do evento cerca de 70 pessoas, representando várias dioceses de 12 estados. Entre eles estavam 5 bispos, animadores e animadoras leigos e leigas e agentes de pastoral das comunidades de várias partes do país.

Tema: *Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus*. A hoje amplamente conhecida expressão *Igreja que nasce do povo* surgiu neste intereclesial, que trazia em seu bojo nova eclesiologia, nascida de nova consciência a partir de novo jeito de ser Igreja.

Teve como objetivo delinear o perfil e descobrir as características futuras da Igreja nova que nasce no meio do povo, principalmente por meio das comunidades eclesiais de base.

Foram dias de grande troca de experiências, reflexões e orações. Resultou, no campo eclesiológico, no seguinte questionamento: Como fazer nascer da Igreja clerical uma Igreja popular, numa nova afirmação da Igreja enquanto Povo de Deus? No aspecto político, reforçou-se a necessidade de uma presença mais significativa da Igreja na luta pela libertação do povo. Cultura e religião populares foram outros temas de acaloradas discussões.

A novidade da leitura popular da Bíblia, em sua dimensão evangelizadora, entrava em conflito com a tradição da religiosidade popular, várias vezes considerada como meio de alienação. Mas, no processo do encontro, surgiu o propósito de superar a exploração da religião popular, bem como a superação da indiferença ou destruição do que concerne a ela.

“A Igreja da base é constituída por pequenas comunidades de pobres e de pessoas solidárias aos pobres que estão a serviço dos pobres”

O 2º Encontro Intereclesial de CEBs

O 2º Encontro Intereclesial de CEBs aconteceu nos dias 29 de julho a 1º de agosto de 1976, também em Vitória, ES. Como no primeiro encontro, a preparação consistiu em solicitar às comunidades que elaborassem relatórios sobre os passos da caminhada, tendo em vista a pedagogia libertadora nas CEBs.

Participaram do encontro cerca de 100 pessoas, representando 24 dioceses de 17 estados. A metade dos presentes representava as comunidades e a outra metade era constituída por agentes de pastoral, bispos e assessores. Participaram 13 bispos brasileiros e 3 convidados estrangeiros, sendo 2 do México.

O tema foi: *Igreja, povo que caminha*. A partir daí, começa-se a delinear a identidade das CEBs; passa-se a utilizar a expressão *caminhada*. Identificadas as semelhanças entre si, as várias CEBs passam a tratar-se como companheiras de caminhada.

O 3º Encontro Intereclesial das CEBs

O 3º Encontro Intereclesial das CEBs aconteceu de 19 a 23 de julho de 1978 em João Pessoa, PB. Tema: *Igreja: povo que se liberta*. Comemoravam-se os dez anos de Medellín, que deu à Igreja latino-americana uma dinamicidade pastoral libertadora, e já se preparava para a Conferência de Puebla, em janeiro de 1979.

O encontro contou com a participação de aproximadamente 200 pessoas: 2/3 vinham das bases, representando 47 dioceses do Brasil; 17 bispos, 9 assessores e assessoras e 18 agentes de pastoral. Dentro do espírito ecumênico, estiveram presentes um assessor evangélico, Jether Pereira Ramalho, e três outros representantes dos evangélicos. Participaram ainda o cacique xavante Aniceto, além de outros convidados do México, Bélgica e Estados Unidos.

Neste encontro, a participação popular foi muito intensa. Depois de tantos anos silenciado, o povo fiel e oprimido expressava seu clamor. Como povo sujeito da construção da sociedade e da Igreja, impunha-se com a força de sua palavra, união e coragem.

O 4º Encontro Intereclesial de CEBs

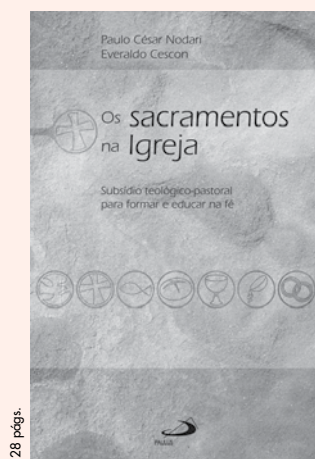
O 4º Encontro Intereclesial de CEBs ocorreu em Itaici, SP, de 20 a 24 de abril de 1981, sob o patrocínio do cardeal dom Paulo Evaristo Arns, devido a uma conjuntura desfavorável para a Igreja dos pobres. Como no encontro anterior, as bases o organizaram e participaram nele, levando à frente sua coordenação e condução.

Participaram desse encontro em torno de 280 pessoas, de 71 dioceses e de 18 estados. Delas, 184 eram representantes das bases, 56 eram agentes de pastoral, 15 eram assessores e 17 bispos. O tema foi: *Igreja, povo oprimido que se organiza para a libertação*. Dentre seus objetivos, destacam-se: a troca de experiências, a celebração da fé e o aprofundamento crítico das lutas reivindicatórias, sindicais e político-partidárias.

Os sacramentos na Igreja

**Subsídio teológico-pastoral
para formar e educar na fé**

Paulo César Nodari e Everaldo Cescon



Este livro é fruto de uma reflexão amadurecida ao longo dos anos, especialmente a partir da atuação pastoral junto às comunidades do povo de Deus em diversos lugares e regiões. Busca auxiliar as pessoas na sua formação pastoral cristã, iniciando sua reflexão com a indagação a respeito de quem é o ser humano e de sua possibilidade de chegar a Deus.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





O 5º Encontro Intereclesial de CEBs

O 5º Encontro Intereclesial de CEBs aconteceu em Canindé, CE, de 4 a 8 de junho de 1983. Teve uma dimensão nacional, já que contou com a participação de aproximadamente 500 pessoas, de 134 dioceses de quase todos os estados do Brasil, com 234 participantes membros da base, 60 agentes de pastoral; 30 bispos, 15 assessores, 16 observadores, 7 da imprensa e 114 das equipes de serviço.

O tema geral do Intereclesial foi: *CEBs: povo unido, somente de uma nova sociedade*. A troca de experiência e as reflexões levaram à conclusão de que, além das dificuldades externas que as CEBs enfrentavam, existiam também dificuldades internas, ligadas às precárias condições de vida da base popular. Na Carta de Canindé, os participantes manifestaram seu desejo de conhecer e combater as causas da degradação social.

As liturgias e celebrações ocuparam um lugar de grande importância no encontro. Todos os dias, de manhã e de tarde, aconteciam celebrações com grande participação e criatividade, elaboradas pelos próprios participantes.

O 6º Encontro Intereclesial de CEBs

O 6º Encontro Intereclesial de CEBs foi em Trindade, GO, de 21 a 25 de julho de 1986. Participaram 1.647 pessoas, das quais 742 eram representantes das bases, 203 agentes de pastoral, 30 assessores, 51 bispos, 16 representantes de Igrejas evangélicas, 10 representantes dos povos indígenas, 56 observadores latino-americanos, 35 observadores nacionais, 17 observadores de outros países, além da imprensa, documentação e equipes de serviço.

“A especificidade da luta das mulheres, negros e indígenas foi um marco na caminhada das CEBs, pois se reconheciam então outros planos de opressão social: a racial, a étnica e a de gênero”

O tema foi: *CEBs, Povo de Deus em busca da Terra Prometida*, ligado ao tema da Campanha da Fraternidade de 1986 e também provocado pelo agravamento da situação agrária no Brasil. Para encaminhar a preparação do encontro, foi criada em 1985, em nível regional, uma Comissão Ampliada. É significativo assinalar a origem da Ampliada Nacional, constituída nos preparativos do Encontro de Trindade, como grupo de apoio e serviço de preparação à igreja que sediava o Intereclesial. Sua criação foi uma maneira de garantir não só a presença dos regionais como um trabalho coordenado nacionalmente, mas também preservação da memória dos encontros.

O novo jeito de ser Igreja que caracteriza as CEBs foi um dos temas de reflexão e aprofundamento que surgiram neste encontro. Clodovis Boff destacou três ideias fortes que definiram este novo modo de ser Igreja: a) a Palavra de Deus; b) a participação; c) a luta. A analogia da roda serviu para ele demonstrar melhor a experiência das comunidades como conjunto organizado: *O eixo é a Palavra de Deus. Os raios são os ministérios, as tarefas. O aro são as lutas da comunidade, que fazem o povo caminhar na história.*

Outro aspecto foi a reflexão sobre a especificidade da luta das mulheres, negros e indígenas. Foi um marco na caminhada das CEBs, pois se reconheciam então outros planos de opressão social: a racial, a étnica e a de gênero. Dois outros temas: a questão latino-americana e o ecumenismo.

O 7º Encontro Intereclesial de CEBs

O 7º Encontro Intereclesial de CEBs foi em Duque de Caxias, RJ, de 10 a 14 de julho de 1989, com o lema: *CEBs: povo de Deus na América Latina a caminho da libertação*. Debatu-se sobre a eclesialidade das CEBs, o seu

rosto latino-americano e sua relação com a libertação. Destaques: a solidariedade latino-americana, fé e política, a mística libertadora, a caminhada ecumênica, a questão urbana e maior articulação das CEBs.

Participaram do encontro 1.106 delegados regionais, 85 bispos católicos, 39 assessores, 61 membros da Ampliada Nacional e Equipe Central, 120 delegados de 12 Igrejas evangélicas, incluindo 43 pastoras e pastores e 5 bispos protestantes, 30 representantes dos povos indígenas, 83 participantes de 19 países da América Latina e 92 convidados, nacionais e estrangeiros, totalizando 2.550 pessoas.

Apesar da delicada situação eclesial, o Intereclesial foi uma expressão viva do apoio da Igreja no Brasil à experiência eclesial das CEBs. A presença de 90 bispos católicos, de toda a presidência da CNBB, de tantos leigos, religiosos, sacerdotes e pastores de diversas denominações religiosas já sinalizava a aprovação e esperança no vigor das CEBs como presença de vida para toda a Igreja.

A questão ecumênica foi um dos destaques no encontro. Com relação aos povos indígenas, a aparição de um rosto novo de Deus através de cada povo indígena foi significativa. A dimensão celebrativa foi outro traço marcante.

O 8º Encontro Intereclesial de CEBs

O Oitavo Encontro Intereclesial de CEBs realizou-se em Santa Maria, RS, de 8 a 12 de setembro de 1992, quando toda a sociedade civil se unia contra a corrupção do governo de Fernando Collor de Mello, que acabou levando ao seu *impeachment*. A situação eclesiástica era bem desfavorável ao projeto da Igreja dos pobres.

Participaram 2.238 delegados brasileiros, representando suas comunidades, 88 de outros países da América Latina e Caribe. Entre os participantes, 1.469 eram leigos, 335 religiosos, 98 bispos, dos quais 66 católicos, 50 assessores, 106 evangélicos, dos quais 35

pastoras e pastores, 43 indígenas, 1 pajé, 1 sacerdotisa afro e 40 equipes de serviço.

Tema: *CEBs: culturas oprimidas e a evangelização na América Latina*, em sintonia com a 4ª Assembleia do CELAM em Santo Domingo, que se realizaria um mês após o Intereclesial. A temática da inculturação nas CEBs foi causa de constrangimento e conflito, pois tocava numa questão sensível para uma Igreja marcada por uma cultura branca, machista, ocidental e que, em seus centros de poder, se sentia desconfortável com a inculturação profunda da fé, da liturgia, das leis canônicas na cultura do negro, do ameríndio e no feminino.

Por outro lado, houve um amadurecimento litúrgico e espiritual das CEBs. Calaram-se os discursos para que a Palavra soasse.

O 9º Encontro Intereclesial de CEBs

O Nono Intereclesial de CEBs realizou-se em São Luís do Maranhão, de 15 a 19 de julho de 1997, com 3 mil participantes. Tema: *CEBs: vida e esperança nas massas*. Foi o primeiro encontro construído dentro de um respeitoso diálogo entre a equipe ampliada das CEBs e a CNBB.

O contexto social estava marcado pela hegemonia do neoliberalismo, que provocava o recuo de todo pensamento alternativo. O contexto eclesial era o do período após a Conferência de Santo Domingo, marcado pela consolidação do centralismo eclesiástico, protagonizado pela linha neoconservadora da Nova Evangelização.

Os pontos de destaque foram: catolicismo popular, raízes indígenas e africanas da religião popular brasileira, pentecostalismo, CEBs e o povo negro, o movimento popular, CEBs e massa, cultura indígena e cultura de massa.

O 10º Encontro Intereclesial de CEBs

O 10º Encontro Intereclesial de CEBs aconteceu em Ilhéus, BA, de 11 a 15 de julho de 2000. Debateu-se sobre: as celebra-

ções das CEBs e a eucaristia; a diferença do ecumenismo no Encontro e nas bases; a tensão entre CEBs e Renovação Carismática; a relação entre CEBs e clero, destacadamente o clero mais novo que se compromete cada vez menos com as CEBs; a questão indígena.

Participaram 3.036 pessoas (1.565 homens e 1.471 mulheres); 2.395 delegados; 72 evangélicos presentes (4 bispos, 37 pastores e pastoras, 31 leigos e leigas). Participaram ainda 45 pessoas da Ampliada Nacional, 62 da América Latina, 64 assessores e assessoras, 63 bispos católicos, 7 das religiões afro-brasileiras e 65 indígenas.

O tema: *CEBs: Povo de Deus, 2 mil anos de caminhada* resumiu o olhar voltado para o passado, assinalando a herança evangélica vivida pela Igreja nos seus 2 mil anos de existência e pela caminhada das CEBs. Para o futuro se projetaram três perguntas: O que conservar integralmente? O que manter, mas com alterações? O que criar de novo?

Apareceu explicitamente a centralidade da Bíblia. A Bíblia é lida, celebrada e torna-se fonte de vida. Assim sendo, foram pedidos cursos bíblicos. O trabalho do CEBI foi amplamente reconhecido.

Três características: a) a referência à Palavra de Deus, considerada sempre como o núcleo fundador e elemento de identidade e da vida das CEBs; b) as celebrações, como ponto alto dos encontros; c) a comunhão eclesial, existente seja por causa da presença de padres e bispos, seja pela maneira com a qual as CEBs testemunhavam sua relação com a estrutura eclesiástica e seus pastores.

O 11º Intereclesial de CEBs

O 11º Intereclesial de CEBs foi realizado em Ipatinga, MG, de 19 a 23 de julho de

2005. Tema abordado: *CEBs, espiritualidade libertadora*. Lema: *Seguir Jesus no compromisso com os excluídos*.

Participaram 3.806 pessoas: 3.219 delegados, 112 assessores, 89 indígenas, 288 convidados, com aproximadamente 3.000 leigos e leigas, 420 religiosas e religiosos, 380 padres, 50 bispos católicos e 2 anglicanos, além de 70 pessoas vindas de outros países.

Participaram ainda 48 pessoas de outras onze Igrejas cristãs, das quais 23 eram pastores e pastores, e foram acolhidos também representantes de 32 povos indígenas e de outras religiões e culturas afro-brasileiras. As Pastorais de Juventude de todo o Brasil promoveram um acampamento no Parque Ipanema com 250 jovens, que mantiveram comunhão com os participantes do encontro.

Os participantes aprofundaram o tema da exclusão, relacionando as CEBs com a espiritualidade libertadora; com a dignidade humana e a promoção da cidadania; com a formação de novos sujeitos, capazes de contribuir para a construção de outro mundo possível; com a via campesina, tendo presente a ecologia, a questão do uso da terra e da água no campo e nas cidades, a reforma agrária; e com a educação libertadora.

O 12º Intereclesial de CEBs

O 12º Intereclesial de CEBs ocorreu em Porto Velho, RO, de 21 a 25 de julho de 2009. Tema: *CEBs, ecologia e missão*. Lema: *Do ventre da terra, o grito que vem da Amazônia*.

Participaram 3.010 delegados, representantes dos 26 estados e do Distrito Federal, sendo 1.234 mulheres e 940 homens. Participaram 56 bispos, 331 padres, 197 religiosas, 41 religiosos e 38 povos indígenas.

“A temática da inculturação nas CEBs foi causa de constrangimento e conflito, pois tocava numa questão sensível para uma Igreja marcada por uma cultura branca, machista, ocidental”

Os participantes conheceram os gritos e lutas que vêm da Amazônia e também os gritos e lutas que vêm dos outros biomas brasileiros, da América Latina e Caribe. Partilharam sobre as lutas a favor da *Terra sem males e de um novo céu e uma nova terra*.

Destacaram-se cinco grandes gritos: o grito da terra, o grito das águas, o grito das cidades, o grito das florestas, o grito das comunidades tradicionais.

Gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares não importantes, conquistam coisas extraordinárias. Essa frase, proferida por dom Moacyr Grechi, arcebispo da Arquidiocese de Porto Velho, deu aos participantes a certeza de que somente a partir dos pequenos, com os pequenos, na base da Igreja e da sociedade, pode-se criar uma vida melhor, mais justa e mais fraterna.

O 13º Intereclesial de CEBs

O 13º Intereclesial de CEBs realizou-se em Juazeiro do Norte, na Diocese de Crato, Ceará, de 7 a 11 de janeiro de 2014. Tema: *Justiça e profecia a serviço da vida*. Lema: *CEBs, romeiras do Reino no campo e na cidade*.

Participaram 4.036 pessoas (2.248 mulheres e 1.788 homens), 72 bispos, 232 padres e 146 religiosos e religiosas, 75 lideranças indígenas; 20 membros de outras Igrejas cristãs, 35 pessoas pertencentes a outras religiões, 36 estrangeiros e 68 assessores e membros da coordenação ampliada.

Pela primeira vez na história, um Intereclesial das comunidades eclesiais de base recebe uma mensagem de um papa. A mensagem do papa Francisco dirigida aos participantes do 13º Intereclesial trouxe muita alegria e renovou a esperança de uma Igreja pobre e dos pobres comprometida com a justiça e a profecia a serviço da vida.

Na mensagem, o papa afirma que as CEBs “trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja”.

Sobre o lema do evento, o papa disse que deve ser como uma chamada para que as CEBs assumam cada vez mais seu papel na missão evangelizadora da Igreja: “Todos devemos ser romeiros, no campo e na cidade, levando a alegria do evangelho a cada homem e a cada mulher”.

No ginásio poliesportivo, denominado Caldeirão Beato José Lourenço, ecoaram os testemunhos de uma Igreja martirial, encarnada e comprometida com a causa dos pobres – povos indígenas, quilombolas, pescadores artesanais e demais sofredores – e com a causa do ecumenismo na promoção da cultura da vida e da paz.

Toda esta riqueza de partilha foi aprofundada e vivenciada nos grupos, nas visitas missionárias às famílias e a algumas instituições, na celebração em memória dos profetas e mártires da caminhada, dos direitos humanos, da justiça, da terra e das águas, culminando com a grande romaria ao horto aos pés do Pe. Cícero Romão Batista, o patriarca de Juazeiro do Norte e da Nação Romeira.

O 14º Intereclesial de CEBs

O 14º Intereclesial de CEBs ocorre em Londrina, PR, nos dias 23 a 27 de janeiro de 2018. Tema: *CEBs e os desafios no mundo urbano*. Lema: “*Eu ouvi os clamores do meu povo e desci para libertá-lo*” (Ex 3,7). Para o evento foram elaborados o texto-base, o cancionário, o jornal *A Caminho* e o site www.cebsdo-brasil.com.br. Trata-se de mais um pentecostes para a Igreja no Brasil e em nosso continente.

2. Uma mensagem

No documento 92 da CNBB: *Mensagem ao povo de Deus sobre as comunidades eclesiais de base*, encontramos a seguinte afirmação sobre os Intereclesiais:

Os Encontros Intereclesiais das CEBs são patrimônio teológico e pastoral da Igreja no Brasil. Desde a realização do primeiro,

em 1975 (Vitória, ES), reúnem-se diversas dioceses para troca de experiência e reflexão teológica e pastoral acerca da caminhada das CEBs. Foram doze encontros nacionais, diversos encontros de preparação em várias instâncias (paróquias, dioceses, regionais) e, desde a realização do 8º Intereclesial, ocorrido em Santa Maria, RS (1992), são realizados seminários de preparação e aprofunda-

mento dos temas ligados ao encontro. Manifestação visível da eclesialidade das CEBs, os Encontros Intereclesiais congregam bispos, religiosos e religiosas, presbíteros, assessores e assessoras, animadores e animadoras de comunidades, bem como convidados de outras igrejas cristãs e tradições religiosas. Neles se expressa a comunhão entre os fiéis e seus pastores. ●

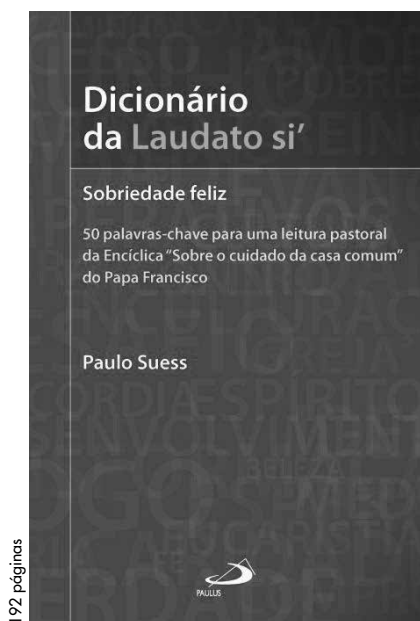
Bibliografia

CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007.

LIBANIO, João Batista. Finalidade e significado dos Intereclesiais. In: CNBB. *Diálogo CNBB – CEBs*. Brasília, 1995.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. Oprimidos: a opção pela Igreja, Petrópolis, *REB* 41 (164): 644, 1981.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Os Encontros Intereclesiais de CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1996.



Dicionário da Laudato si' Sobriedade feliz Paulo Suess

A crise ecológica provocada pelo modelo de desenvolvimento e progresso exige profunda conversão espiritual e material. O tempo urge, mas ainda é possível frear o trem que leva a humanidade ao abismo. A partir de 50 palavras-chave, o presente Dicionário procura facilitar e estruturar em pequenas unidades a leitura da Laudato si', com suas mais de 40 mil palavras. O livro é, sobretudo, para aqueles que estão envolvidos no púlpito, na catequese ou em reuniões formativas em processos pastorais de reeducação da "cultura do descarte" para a "cultura ecológica", que é uma "cultura de suficiência".

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

f i t editorapaulus





A espiritualidade das CEBs no mundo urbano

Emerson Sbardelotti*

O objetivo deste artigo é apresentar a espiritualidade das CEBs no mundo urbano a partir de sua originalidade, que é o esforço de compreender racionalmente a realidade social em que estão inseridas.

*Emerson Sbardelotti é mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Agente de pastoral leigo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em Cobilândia, Vila Velha, Espírito Santo. Catequista de crisma na CEB Nossa Senhora do Magnificat, em Jardim Marilândia, Vila Velha, Espírito Santo. Autor de *Espiritualidade da libertação juvenil*. São Leopoldo: CEBI, 2015. E-mail: sbardelottiemerson@gmail.com

Introdução

“**A**s comunidades imitam de perto a comunidade dos primeiros cristãos na alegria, na partilha, no serviço. Como eles, são ‘assíduas ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e à oração’ (At 2,42). Renovam a Igreja pela base e são um sinal do reino para nós, povo empobrecido da América Latina” (TEIXEIRA, 1996, p. 196).

Diante de inúmeros tipos de espiritualidade presentes nas comunidades, paróquias e dioceses, muitos agentes de pastoral, assessores, catequistas, animadores ficam sem saber qual caminho seguir ou então resistem a adaptar-se a certas linhas de espiritualidade cristã, especialmente às que nasceram em ambientes monásticos ou àquelas que são adaptadas de contextos culturais muito diferentes dos nossos.

Devido aos muitos tipos de espiritualidade que acentuam uma perspectiva individualista e carismática, muita gente a entende



como cultura de valores individuais orientada para o aperfeiçoamento pessoal, para uma vida interior, na qual o que conta é a intenção do coração. Nesse contexto, a espiritualidade é compreendida como seguimento espiritualista de Jesus, caracterizado pela insensibilidade à presença e às necessidades das pessoas reais e concretas. É uma espiritualidade que não se compromete com nada, com ninguém.

Porém, na raiz da autêntica espiritualidade cristã, existe sempre uma experiência viva e dinâmica de Deus, realizada por pessoas concretas que buscaram e buscam viver a Palavra na história, num tempo e cultura bem precisos, com os pés no chão da realidade. Não são numerosos, porém são teimosos, esperançosos e fiéis ao Jesus histórico. A espiritualidade é parte constituinte do ser humano (SBARDELOTTI, 2016, p. 13).

A espiritualidade não pode ser cristã se ela não for humana e, se for humana, ela é, explicitamente ou implicitamente, cristã.

O ser humano é um ser espiritual. Ser espiritual significa ser “humano”, viver o “humano”, viver a “humanidade” sempre mais radicalmente, libertando-se de tudo aquilo que oprime e desumaniza. Se almejamos ser mulheres e homens espirituais, sejamos humanos, radicalmente humanos, em todos os momentos e em todas as situações da vida, mesmo e sobretudo nas situações que ainda são desumanas.

É nosso desejo motivar a espiritualidade que brota do projeto de vida de Jesus de Nazaré, que acolhe o pobre como lugar da manifestação de Deus. À luz do evangelho, sejamos de fato evangelizadores com espírito, como nos diz o papa Francisco: evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo. No Pentecostes, o Espírito faz os apóstolos saírem de si mesmos e transfor-

ma-os em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua. Além disso, o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do evangelho com ousadia (*parresia*), em voz alta e em todo tempo e lugar, mesmo contra a corrente. Uma evangelização com espírito é uma evangelização com o Espírito Santo, já que ele é a alma da Igreja evangelizadora. Evangelizadores com espírito constituem evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. Essas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força para uma ampla penetração, porque mutilam o evangelho. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade (FRANCISCO, 2015, p. 147-148).

As comunidades eclesiais de base (CEBs) bebem do mesmo poço do Concílio Ecumênico Vaticano II (Roma, 1962-1965) e aqui, na América Latina e no Caribe ganham importância nas Conferências de Medellín (Colômbia, 1968) e Puebla (México, 1979). Em 2007, recebem um novo ânimo na Conferência de Aparecida. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) dedicará às CEBs dois documentos: o primeiro, de 1982,¹ explicando a eclesialidade das CEBs, sua dimensão sociopolítica de evangelização, a luta pela justiça, a importância dos(as) leigos(as) e porque são alvo de interesse e de incompreensão; o se-

“Ser espiritual significa ser ‘humano’, viver o humano, viver a humanidade sempre mais radicalmente, libertando-se de tudo aquilo que oprime e desumaniza”

¹ Cf. CNBB. *Comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.



gundo, de 2010,² reafirma e atualiza o documento de 1982 e aponta os desafios das CEBs hoje, seu percurso histórico no Brasil, a experiência dos Intereclesiais, a espiritualidade e a vivência eucarística, o anúncio da Palavra de Deus, a solidariedade e o serviço, a participação nos movimentos sociais, sua abertura ecumênica e o diálogo inter-religioso.

Em 1982, os bispos diziam que as CEBs não surgiram como produto de geração espontânea nem como fruto de mera decisão pastoral. Elas são o resultado da convergência de descobertas e conversões pastorais que implicam toda a Igreja – povo de Deus, pastores e fiéis –, na qual o Espírito opera sem cessar. Em 2010, irão dizer que as CEBs representam uma maneira de ser Igreja, de ser comunidade, de fraternidade inspirada na mais legítima e antiga tradição eclesial. Teologicamente, são uma experiência eclesial amadurecida, uma ação do Espírito Santo no horizonte das urgências de nosso tempo. Uma destas urgências é o desafio de viver a espiritualidade no seguimento de Jesus de Nazaré e de proclamar a fé, sem deixar cair a profecia no mundo urbano.

1. Espiritualidade: viver pelo Espírito com esperança

Há vários conceitos e definições a respeito de espiritualidade, pois há várias espiritualidades. Aquela sobre a qual refletimos aqui é a espiritualidade que inspira as CEBs, uma espiritualidade “pé no chão”, uma espiritualidade libertadora.

A palavra “espiritualidade” tem sua raiz na palavra “espírito”: “Então YHWH modelou o ser humano com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o ser humano se tornou um ser vivente” (Gn 2,7). “Ser vivente” corresponde ao vocábulo *nefesh*, que designa o ser animado por um so-

² Cf. CNBB. *Mensagem ao Povo de Deus sobre as comunidades eclesiais de base*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

Sujeitos no mundo e na Igreja Reflexões sobre o laicato a partir do Concílio Vaticano II

João Décio Passos (org.)



A Nova Evangelização passa pela ação missionária, que prepara verdadeiros discípulos de Jesus Cristo no mundo e para o mundo. Nesse sentido, cresce na Igreja no Brasil o interesse de Dioceses pela criação dos Conselhos Diocesanos de Leigos, visando aprofundar sua identidade e atuação. É preciso juntar forças, unir-se na mesma ação evangelizadora, compartilhando sonhos e desejos, convocando todos os batizados para uma reflexão sobre a missão da Igreja não apenas “para” os leigos, mas “com” os leigos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





pro vital – manifestado também pelo “espírito” = a *ruah* (hebr.: sopro, vento): “Ele lhes disse de novo: ‘A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio’. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: ‘Recebei o Espírito Santo’” (Jo 20,21-22).

Mas o que é Espírito? Somos morada deste Espírito? Onde está centrada a nossa espiritualidade? Sim. Somos morada do Espírito. Nossa espiritualidade está centrada e fundada em Jesus de Nazaré: encarnado, vivo, crucificado, morto, ressuscitado.

Anselm Grün diz que sempre é bom refletir sobre a origem das palavras. *Spiritualis* (latim) é a tradução da palavra grega *pneumáticos*, que pode ser traduzida por “de acordo com o espírito” ou “cheio de espírito”. A palavra “espiritualidade” formou-se, pois, no contexto cristão. Em última análise, portanto, espiritualidade significa: viver do Espírito; viver da fonte que é o Espírito Santo. A espiritualidade cristã orienta-se pelo Espírito de Jesus Cristo. No desenvolvimento de uma vida espiritual, refere-se às palavras e ações de Jesus, à sua doutrina e às suas obras de redenção e libertação. É o caminho do deixar-se formar e mudar cada vez mais pelo Espírito de Jesus; é o caminho da moldagem do mundo segundo o modelo da mentalidade de Jesus. O teólogo Karl Rahner entende por espiritualidade: “viver pelo Espírito”. É sem dúvida a definição mais simples e clara. Espiritualidade significa que o Espírito Santo é a fonte da minha vida. Todavia, para eu poder viver dessa fonte, preciso primeiramente de caminhos que me levem a ela. São eles a meditação, a oração, o silêncio e a celebração dos cultos religiosos. Todas essas formas querem me pôr em contato com a fonte, que é o Espírito Santo que mana dentro de mim, mas da qual eu frequentemente também estou desligado. Pode-se dizer,

pois, que a essência da espiritualidade consiste em haurir minha vida da fonte que é o Espírito Santo (GRÜN, 2008, p. 12-15).

Sempre recordo as palavras de Sua Santidade, o dalai-lama, que disse a Leonardo Boff: “Espiritualidade é aquilo que faz no ser humano uma mudança interior”. É aquilo que transforma nosso ser, leva-nos a transformar a sociedade. Se não o faz, não é espiritualidade, é espírito de porco! Entrar em contato com Deus é conhecer as suas ações no meio dos povos que compõem o seu povo escolhido.

Espiritualidade da libertação é sem dúvida a libertação da espiritualidade. Ela é um viés da

espiritualidade de Jesus de Nazaré, que fez a opção radical pelos pobres, solidarizando-se com eles, amando-os em profundidade, portanto, libertando-os das prisões (religiosas, sociais, econômicas e políticas) que não os deixavam ser seres humanos. A espiritualidade da libertação se constrói a partir da leitura que se faz da realidade em períodos da história, em termos de utopia e de práxis para realizá-la. Ela é uma voz que chama a pessoa para realizar-se enquanto sujeito, mediante o compromisso firmado na transformação histórica de libertação, inspirada no projeto de Deus, manifestada nas causas de Jesus, as quais, no entardecer de nossos dias, se tornam nossas causas para o dia seguinte. Mesmo que esta espiritualidade não esteja na mídia, que não se fale nela, engana-se quem pensa que ela não supõe um diálogo profundo com a atualidade, reinterpretando a religião e produzindo insegurança e desestabilização, tornando-se uma peça de discórdia e de conflito na engrenagem do sistema neoliberal vigente. Essa hegemonia neoliberal, que também está presente na Igreja, coloca todos os ventos contrários aos

“Espiritualidade da libertação é a espiritualidade de Jesus de Nazaré, que fez a opção radical pelos pobres, solidarizando-se com eles, amando-os em profundidade”



que defendem o reino de Deus, entendido como opção pelos pobres.

Para o teólogo Segundo Galilea, ter uma espiritualidade da libertação significa atuar sempre sob a premissa de que a meta final é constituída pela fraternidade, pela justiça e pela reconciliação e empenhar-se em criar atitudes e valores que permitam que isso seja realmente possível. Significa criar um dinamismo no qual a morte (os conflitos, a frustração e o fracasso) adquire sentido em relação à nova vida, a um novo homem e à nova sociedade, a uma ressurreição libertadora e criadora de fraternidade (GALILEA, 1985, p. 42). Mais do que nunca, ela é urgente, necessária, imprescindível. É uma mistagogia! Mistagogia é a arte de conduzir outras pessoas à experiência do místico fundador. No caso, é a fé de Jesus de Nazaré que me faz ser cristão, que faz você ser cristão!

Sem oração, não há libertação! Sem oração, não há espiritualidade! Sem oração, não há CEBs. Se os membros das CEBs não oram, não podem tornar-se instrumentos de libertação, não podem participar do banquete.

A espiritualidade é caracterizada por:

a) Alteridade – conduz à vivência da espiritualidade. Muito além das fronteiras legais de um Estado, estão os seres humanos, os “nós” e os “eles”, nos quais se tornam necessários o diálogo e a vivência da alteridade.

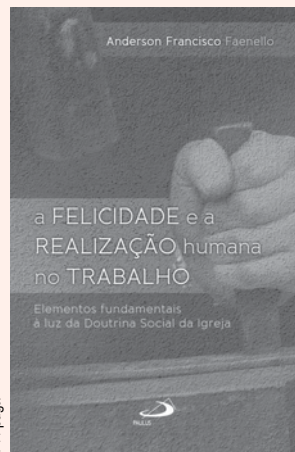
b) A comunidade de fé – muro de contenção. A espiritualidade é a força do amor Ágape, que forma a comunidade. A comunidade se torna, então, um ponto de convergência, para onde afluem os iguais. A espiritualidade identifica-se e se fortalece com pessoas que vivem a mesma situação de vida.

A espiritualidade é a raiz profunda de nossa força. A espiritualidade é beber do próprio poço! A espiritualidade, se não estiver inserida na caminhada de libertação do povo e, ao mesmo tempo, fincada na tradi-

A felicidade e a realização humana no trabalho

Elementos fundamentais à luz da Doutrina Social da Igreja

Anderson Francisco Faenello



144 págs.

No contexto atual, os grandes valores suscitados pelo trabalho estão sendo desfeitos, por ser ele reduzido a um meio utilitarista em vista de uma felicidade ilusória, insatisfeita, pautada sobre desejos egoístas (capitalistas/liberais), satisfações hedonistas e de bem-estar econômico. Seguindo os ensinamentos da Igreja sobre a questão social, este livro busca confirmar o aspecto positivo do trabalho: gerador de felicidade e de realização humana.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





ção bíblica e eclesial, nada será, não terá nenhuma importância.

As fontes da espiritualidade são: a Palavra de Deus e o evangelho, a sacramentalidade da Igreja, o testemunho da Igreja e o rosto de nossas irmãs e de nossos irmãos. A espiritualidade vive da gratuidade e da disponibilidade!

A espiritualidade das CEBs, em meio aos desafios do mundo urbano, expressa-se ao redor da Palavra de Deus, no serviço aos mais necessitados e na profecia, onde anuncia as maravilhas de Deus e denuncia os abusos, a mentira e a injustiça. Essa espiritualidade oferece rica produção artística (músicas, pinturas, poesias etc.) nas e das CEBs, tornando-se instrumento de evangelização, discipulado e missão, valorizando a prática cultural e religiosa do povo.

A espiritualidade é basicamente uma teimosa esperança, uma fé ardente, um amor inflamado que vai em direção à contemplação da compaixão e do cuidado. Compaixão e cuidado não são conceitos psicológicos, mas ontológicos. Não são sentimentalismos nem assistencialismos. São, sem dúvida, dois dos grandes elementos constitutivos das grandes religiões da humanidade, são a base comum para o respeito, o diálogo e o encontro entre as religiões. Compaixão e cuidado são metáforas polissêmicas, sinônimos de solidariedade, justiça, ternura, amor. Nenhuma espiritualidade é autêntica se não se converter em compaixão e cuidado.

2. Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus³

A Igreja dos pobres está aí, mais viva do que nunca, não mais tão falada como antiga-

mente, pois foi duramente perseguida e difamada, mas continua presente em várias lideranças que não se cansam de lutar por outro mundo novo e possível; por uma comunidade eclesial de base onde todos se conheçam, celebrem a vida, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré e queiram seguir os passos do Mestre, dentro de sua pedagogia e prática libertadora, assumindo todos os riscos

que a caminhada irá oferecer. Todos sabem muito bem que não há como fugir da cruz para obter a salvação. Não há luz sem cruz!

A Igreja, quando é perseguida, é mais profética, mais cheia de vida. Quando ela está acomodada, inerte, não cria problema nenhum para quem oprime e extermina.

A Igreja dos pobres não é uma *nova* Igreja, mas sim um *novo modelo de Igreja*, que, portanto, é chamada também de *Igreja popular*, *Igreja que nasce do povo*, *Igreja no povo* ou *Igreja de base*. É o modelo de Igreja que

busca uma relação de totalidade social através do envolvimento com grupos de oprimidos e de explorados, ao mesmo tempo que procura organizar-se internamente segundo relações de serviço e fraternidade.

A caminhada das CEBs no Brasil rumo a uma experiência profunda (ontem, hoje e amanhã) do projeto de Deus e na defesa da vida teve, tem e terá momentos importantes: 1) a noção de Povo de Deus; 2) a opção pelos pobres; 3) a consolidação e refundação do método Ver-Julgar-Agir, hoje acrescido do Rever-Celebrar-Sonhar; 4) o método Paulo Freire; 5) a espiritualidade da libertação; 6) a leitura popular da Bíblia; 7) a Teologia da Libertação (TdL); 8) os(as) leigos(as) assumindo um lugar de destaque nesta nova forma de ser Igreja; 9) Igreja dos pobres e em saída; 10) a profecia. Estes momentos permitem que as CEBs sejam

**“A
espiritualidade,
se não estiver
inserida na
caminhada
de libertação
do povo e, ao
mesmo tempo,
fincada na
tradição bíblica
e eclesial,
nada será, não
terá nenhuma
importância”**

3 Tema do 1º Encontro Intereclesial de CEBs. Vitória – Espírito Santo, 1975.



um sinal de vitalidade da Igreja e se refundem com o passar dos anos, aumentando as relações de reciprocidade e promovendo a solidariedade, que são a verdadeira força dos pobres e dos pequeninos.

Benedito Ferraro afirma que não encontramos, de forma explícita, a expressão “comunidades eclesiais de base” nos textos do Vaticano II. No entanto, poderemos encontrar muitos textos que manifestam o que as CEBs já vinham vivenciando no Brasil e em vários países da América Latina e Caribe. No Brasil, as CEBs nascem por volta do final da década de 1950 e início da década de 1960. Fazem a ligação da *fé* com a *vida* e, a partir da articulação da Palavra de Deus com a ação social e política em busca da justiça, vai surgindo “um novo modo de ser Igreja”. As CEBs nascem antes do Concílio, mas recebem um impulso maior a partir do Vaticano II e das Conferências do Episcopado Latino-americano e Caribenho, sobretudo de Medellín (1968) e Puebla (1979). Atualmente, elas recebem um ânimo novo a partir da Conferência de Aparecida (2007), como também no ministério do papa Francisco, especialmente com sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), em que ele afirma: “Desejo uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198). As CEBs assumem que os pobres são hoje os novos sujeitos históricos e os novos sujeitos eclesiais (FERRARO, 2015, p. 91-95).

CEBs não são “pastorais” e muito menos um “movimento”. Não são apenas momentos em grupo, em equipes de serviço ou ajuntamentos frequentes dos fiéis. Não são seitas fechadas no seio da Igreja. Elas brotaram no cenário eclesial brasileiro como uma pequena flor sem defesa.⁴ Elas são um processo de grande significação que incidiu e continua incidindo profundamente sobre as estruturas da sociedade e também da Igreja, mesmo não estan-

⁴ Para designar a experiência das CEBs, quem primeiro usou tal expressão foi frei Carlos Mesters, O. Carm.

Catolicismo e sociedade contemporânea

Do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II

Ney de Souza e Paulo Sérgio Lopes Gonçalves



160 págs.

Esta obra está estruturada em três momentos: a apresentação da metodologia de investigação e dos pontos fundamentais dos Concílios Vaticanos; a exposição do contexto, do desenvolvimento e da teologia do Concílio Vaticano I; a análise do contexto histórico-eclesial e do contexto teológico do Concílio Vaticano II. Apresenta não apenas informações e análise histórico-teológica, mas possibilita um espírito de instigação de que a fé cristã é historicamente pertinente e relevante.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





do mais na mídia. Esse novo modo de a Igreja ser incomodou tanto, que, a partir da década de 1990, tanto as CEBs quanto a TdL foram arrastadas para fora dos holofotes, para fora da publicidade e para fora dos debates, pois não se alinhava e não se alinha ao pensamento neoliberal, fundamentalista e de cristandade medieval que impera em setores mais reacionários da Igreja, os quais declaram que elas são invisíveis, inexistentes e que a TdL morreu, considerando-as como coisa do passado.

A CNBB afirma que as comunidades eclesiais de base constituem hoje, em nosso país, uma realidade que expressa um dos traços mais dinâmicos da vida da Igreja. Em sua caminhada, a fidelidade das CEBs é constantemente posta à prova em nossa sociedade cada vez mais pluralista e profundamente marcada por conflitos. A urgência de certos problemas vitais e a tentação de soluções simplistas representam riscos aos quais as comunidades devem estar atentas (CNBB, 1999, p. 5.17.).

As CEBs são fundamentalmente estruturas de Igreja, uma forma de organizar a Igreja. São unidades eclesiais menores, mas unidades relativamente completas e autônomas, dotadas dos elementos constitutivos de uma Igreja. Elas são caracterizadas por alguns elementos estruturais: pelos círculos bíblicos ou grupos de reflexão bíblica, a partir do método da leitura popular da Bíblia; pela celebração semanal – celebração da Palavra (com distribuição da eucaristia), por pura falta de sacerdotes, dirigida por uma equipe de liturgia; pelos conselhos pastorais comunitários nos quais mulheres e homens, em forma colegiada, assumem a animação e a condução da CEB, estando todas as equipes de serviço e pastorais ali representadas; pelo compromisso sociotransformador, mediante o qual a

fé é confrontada com os desafios da realidade em que as CEBs estão inseridas. Transpassando estes elementos estruturais, encontram-se a mística, a espiritualidade libertadora, centradas nas causas do reino de Deus, na opção pelos pobres e em sua dimensão profética (FERRARO; DORNELAS, 2014, p. 122-124).

Pedro A. Ribeiro de Oliveira constata que essa força local das CEBs é potencializada pelo fato de elas não ficarem isoladas, mas articularem-se em âmbito local, diocesano, regional e nacional, numa enorme *rede de comunidades* (MURAD; BOMBONATTO, 2012, p. 131).

O Texto-base do 14º Intereclesial das CEBs, que se realizará em Londrina, no Paraná, de 23 a 27 de janeiro de 2018, e cujo tema central é: “CEBs e os desafios do mundo urbano”, afirma que o mundo urbano é um desafio para as CEBs: ao longo de sua

história, elas têm feito o possível para cumprir sua missão de tornar a sociedade mais humana, mas constatam que as cidades não são plenamente espaços de convivência saudável e pacífica entre seus habitantes.⁵

João Batista Libanio explica que a cidade desafia o compromisso integral das CEBs, primeiro, como lugar do encontro social das pessoas nas suas relações sociopolíticas e socioeconômicas justas e injustas. A cidade tenta escondê-las, anestesia a consciência crítica, dificulta as lutas, faz perder certa garra de luta (TEXTO-BASE, 2013, p. 33).

3. Numa sociedade globalizada e urbanizada, como viver em comunidade?

“O lugar onde devemos viver, aprofundar e celebrar a nossa fé, onde devemos confron-

5 Cf. TEXTO-BASE. *14º Intereclesial das CEBs – CEBs e os desafios do mundo urbano*. Londrina: Secretariado Nacional para o 14º Intereclesial das CEBs, 2017, p. 9.



tar a nossa vida e nossa prática com a luz da Palavra de Deus, para ver se a nossa ação política está de acordo com o Plano de Deus” (TEIXEIRA, 1996, p. 58).

A resposta a esta pergunta está no fato de, mesmo enfrentando preconceitos, discriminações e perseguições, as comunidades eclesiais de base conseguem adaptar-se às realidades em que estão inseridas. Fortalecendo sua leitura popular da Bíblia e os círculos bíblicos, oferecendo uma formação qualificada e cotidiana para as pastorais sociais, especialmente para as Pastorais da Juventude (PJ, PJE, PJMP, PJR), buscando beber das fontes da liturgia, com celebrações da Palavra espontâneas e criativas, sem perderem o foco sociopolítico e profético da mensagem de Jesus de Nazaré adaptada ao hoje da caminhada. O zelo com a memória dos(as) mártires da caminhada latino-americana e caribenha e com as músicas da caminhada as diferenciam de outras comunidades, onde impera uma espiritualidade mais individualista; ao contrário, as CEBs procuram ser Igreja discípula missionária e em saída, sua espiritualidade procura acompanhar os desafios do mundo urbano.

João Batista Libanio⁶ explica que, na origem primeira de toda cidade, está o ser humano com seu “transcendental social”. Tem em si a condição de criar cidades, porque é um ser social. Por isso, o ser humano ergue sua casa, diferenciando-se do animal. Essa casa se interligou com outras, dando origem às cidades. Nelas foi preciso criar – algo necessário ainda hoje – regras de convivência. As regras de convivência nos permitem buscar meios de sobreviver numa cidade. A cidade aproxima fisicamente as pessoas e também produz o efeito contrário. Ao invés da socialização, há o isolamento, o anonimato e o individualismo. Estabelecer relações com pessoas próximas traz uma invasão de privacidade? Eis um desafio a

6 LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade – o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 9.

Espiritualidade do padre diocesano

Humberto Robson de Carvalho e Fernando Lorenz



A espiritualidade do padre diocesano fundamenta-se em Jesus Cristo, o Bom Pastor, como modelo da caridade pastoral. Na paróquia, ele desenvolve esta predileção amorosa com o povo de Deus, na graça do Espírito Santo. A inserção do padre diocesano em sua comunidade e, por sua vez, na diocese – por meio da incardinação, isto é, pelo vínculo jurídico, espiritual e esponsal assumido, em plena comunhão com o bispo, o presbitério e o povo de Deus – configura a diocesaneidade.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





ser superado: conseguir um equilíbrio entre o anonimato e a invasão de privacidade num ambiente de proximidade física. A resposta está no cultivo de um espírito comunitário, e nesse ponto as CEBs podem ajudar, pois possuem um cabedal social e fraternal imenso, porque conservam a vocação de ser presença no coração da vida da cidade.

Libanio relembra que o cristianismo cresceu no meio urbano. Sofreu transformação profunda na Idade Média, com a genial instituição da paróquia rural. Firmou-se então no campo. E as cidades, sobretudo na modernidade, transformaram-se em centros arredios à prática religiosa. Vários fenômenos se somaram: modernização, industrialização, urbanização, que tiveram enorme impacto sobre a vivência religiosa. A Igreja começou a, cada vez mais, preocupar-se com a pastoral urbana. Isso se acentuou depois da Segunda Guerra Mundial. No Brasil, o processo acelerado de urbanização é mais recente. Ele se impõe hoje de modo inelutável. A sorte histórica do cristianismo está vinculada à cidade. A reflexão sobre a cidade levanta dois tipos diferentes de problemas. Uns atingem mais diretamente o modo de ação pastoral da Igreja. Outros vão mais fundo: atingem a própria compreensão da fé, questionando-a nela mesma, obrigando-a a reinterpretar-se e também a assumir posição crítica diante da sociedade. A cidade é atravessada pelo pluralismo religioso. Impacto forte sobre uma fé de tradição monolítica, obrigada a reinterpretar-se, sem perder, porém, sua identidade no meio esfuizante de expressões religiosas. Nada se anuncia tão vigorosamente quanto a crise da ética, com as correspondentes reações. No fundo, está a mudança rápida e radical dos valores. Trabalho e poder marcam o viver na cidade (cf. LIBANIO, 2001, p. 9-11).

**“Na cidade,
o elemento
religioso é
mediado por
diferentes estilos
de vida, por
costumes ligados
a um sentido
do tempo, do
território e das
relações”**

O Texto-base do 14º Intereclesial das CEBs esclarece que cada cidade é única e que o mundo urbano não se limita ao espaço geográfico das cidades. E conceitua que cidade é qualquer aglomeração urbana, independentemente do número de habitantes, desde que seja sede de município. São consideradas pequenas as cidades que têm até 100 mil habi-

tantes, médias as de 100 mil a 500 mil habitantes e grandes as cidades com mais de 500 mil habitantes. É alta a concentração populacional em grandes e médios centros urbanos: 42% da população brasileira está em apenas 2% dos municípios com mais de 250 mil habitantes. Dentre estes, destacam-se as regiões metropolitanas, formadas por um conjunto de municípios próximos entre si e socioeconomicamente integrados a uma cidade-polo. O Brasil

tem 38 regiões metropolitanas, onde vive cerca de metade da população brasileira. O mundo urbano não é apenas espaço físico, é também espaço social produzido pelas pessoas que nele habitam. Se a lógica do mercado leva à segregação social, a solidariedade da população se contrapõe a essa tendência, estabelecendo encontros, mantendo a capacidade de se alegrar em meio às dificuldades, de festejar, desencadeando processos inovadores no âmbito da cultura e da ação social e política. A diversidade de experiências tipicamente urbanas aumenta conforme o tamanho das cidades (TEXTO-BASE, 2017, p. 9ss).

O papa Francisco, em relação aos desafios das culturas urbanas, diz que precisamos identificar a cidade a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descobre Deus, o qual habita nas casas, nas ruas, nas praças. A presença de Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para sua vida. Na cidade, o elemento religioso é me-



diado por diferentes estilos de vida, por costumes ligados a um sentido do tempo, do território e das relações que diferem do estilo das populações rurais. Novas culturas continuam a formar-se nestas enormes geografias humanas em que o cristão já não costuma ser promotor ou gerador de sentido, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes em contraste com o evangelho de Jesus. Uma cultura inédita palpita e está em elaboração na cidade. O Sínodo constatou que as transformações dessas grandes áreas e a cultura que exprimem são, hoje, um lugar privilegiado da nova evangelização. Isso requer imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para as populações urbanas. Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente e suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades. As casas e os bairros constroem-se mais para isolar e proteger do que para unir e integrar. A proclamação do evangelho será uma base para restabelecer a dignidade da vida humana nestes contextos, porque Jesus quer derramar nas cidades vida em abundância (cf. Jo 10,10). O sentido unitário e completo da vida humana proposto pelo evangelho é o melhor remédio para os males urbanos, embora devamos reparar que um programa e um estilo uniformes e rígidos de evangelização não são adequados para esta realidade. No entanto, viver a fundo a realidade humana e inserir-se no coração dos desafios como fermento de testemunho, em qualquer cultura, em qualquer cidade, melhora o cristão e fecunda a cidade (FRANCISCO, 2015, p. 50-52).

Posso estar sendo um sonhador, um utópico, mas, de esperança em esperança,

prefiro acreditar que o futuro da Igreja seja vislumbrado como CEBs, e delas surja uma rede de comunidades comprometidas com a defesa da vida no mundo urbano. Ao invés da forma autoritária de exercer e impor o poder, a forma plena de autoridade que cresce e faz o outro crescer. Quanto mais a Igreja construir-se a partir das CEBs e de sua identidade, de suas características fundadoras, mais ela se fortalecerá diante de uma sociedade cada dia mais doente, por cada dia estar mais individualista, egoísta, fanática, fundamentalista, solitária e desprovida de sentido para viver.

Conclusão

“Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada em ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos” (FRANCISCO, 2015, p. 37).

O objetivo maior deste artigo foi apresentar a espiritualidade das CEBs no mundo urbano a partir de sua originalidade, que é o esforço de compreender racionalmente a realidade social em que estão inseridas. Por isso, a crítica construtiva que é feita à sociedade não está apoiada exclusivamente em uma leitura religiosa, mesmo sendo feita a partir da Bíblia perante a realidade. Em suma: as CEBs procuram sua própria linguagem para perguntar e responder à realidade social e compreender a situação em que se encontram. Depois de um rigoroso inverno, com o desabrochar de uma nova primavera na Igreja com o papado de Francisco, as CEBs recebem um novo sopro vivificador e reafirmam sua luta por “uma nova terra e um novo céu” ou, como dizem, “um outro mundo novo, melhor e possível”! Intensificam o seu novo jeito de ser Igreja a



partir da cultura do bem viver, da construção de uma sociedade mais justa, livre, solidária, democrática e participativa. Sua mística busca a realização dos direitos humanos e da ideia de uma Igreja em saída e o cuidado com a *casa comum*.

Sua produção artística (música, poesia, pintura, escultura etc.) – com destaque para o Movimento dos Artistas da Caminhada, MARCA, que ajuda a descobrir e incentivar tantos animadores e lideranças – é de fundamental importância para entender o compromisso dos(as) participantes das CEBs, a leitura que fazem da realidade em que vivem e

sua dedicação em defesa da vida a partir do que chamam de Arte-Vida.

As CEBs estão mais vivas do que nunca e prontas para encarar inúmeros desafios, sem deixar cair a profecia, num mundo em que cresce o individualismo, o fundamentalismo religioso, o racismo e inúmeras práticas de violência. Pegam o trem da história e, por onde passam, semeiam paz, justiça, amor e fraternidade. São chamadas a testemunhar a sua fé em Jesus de Nazaré – o Crucificado-Ressuscitado, o Mártir primeiro. E cumprem o que lhes pede o papa Francisco: “Não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG 92). ●

Bibliografia

CNBB. *Comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. *Mensagem ao povo de Deus sobre as comunidades eclesiais de base*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

FERRARO, Benedito. CEBs – comunidades eclesiais de base. In: PASSOS, J. D.; SANCHES, W. L.(orgs). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015.

_____; DORNELAS, Nelito (orgs.). *CEBs: raízes e frutos ontem e hoje*. Brasília: Scala, 2014.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 5. ed. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

GALILEIA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

GRÜN, Anselm. *Espiritualidade e entusiasmo: caminhos para um mundo melhor*. São Paulo: Paulinas, 2008.

LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001.

MURAD, Afonso; BOMBONATTO, Vera (orgs.). *Teologia para viver com sentido: homenagem aos 80 anos do teólogo João Batista Libanio*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SBARDELOTTI, Emerson. *Mística e espiritualidade pejeiteira*. Brejo: Pastoral da Juventude, 2016.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Os Encontros Intereclesiais de CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1996.

TEXTO-BASE. *14º Intereclesial das CEBs – CEBs e os desafios do mundo urbano*. Londrina: Secretariado Nacional para o 14º Intereclesial das CEBs, 2017.

TEXTO-BASE. *13º Intereclesial das CEBs – Justiça e profecia a serviço da Vida – CEBs, romeiras do Reino no campo e na cidade*. Crato: Secretariado Nacional para o 13º Intereclesial das CEBs, 2013.



A estética da Fé pelas mãos do Povo das CEBs

Elinaldo Meira*

A mão do Povo das comunidades eclesiais de base, que é a mão operária, que é a mão lavradora, que é mão das gentes das periferias, foi quem teceu um jeito de ser Igreja a partir de soluções criativas, e artísticas, ao transformar materiais simples em símbolos de representação da Fé.

Sou professor, por profissão e por crença de que a educação transforma a gente em coisa melhor. Digo isso porque essa convicção se fortaleceu no seio das CEBs, ainda menino, na Comunidade São Judas Tadeu, no Jardim Bonança, parte da então Paróquia Nossa Senhora Aparecida, do Jardim Helena Maria, periferia de Osasco. E também sou artista visual, condição essa que se realiza em conjunto com a docência. E, mais uma vez, foi nas CEBs onde me encontrei nesta escolha que levo pela vida adiante. Nelas nasceu o professor, o artista, o fotógrafo-retratista, a compreensão política e a opção pelo povo, o mesmo de onde venho. Eis o nosso começo de prosa, e que possa ser um convite, para que cada um, em sua comunidade, possa fazê-lo no intuito de localizar o quanto importantes foram e têm sido as comunidades eclesiais de base na construção da identidade de seus participantes ou dos que nelas um dia estiveram.

E o que é “estética”?

Estética é tanto uma compreensão sobre o que é arte, se assim quisermos estudar um ob-

*Professor na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM. Doutor em Artes pela Unicamp. E-mail: meira.elinaldo@gmail.com



jeto artístico, quanto aquilo que é criado e que sirva para representar – por meio da música, da pintura, da escultura, da arquitetura, do vídeo, da dança, do desenho e de tantas outras coisas – um pensamento, uma ideia, um valor, uma cultura, uma crença etc. Ou seja, quando tratamos de estética, estamos tratando de formas de representação por meio da atividade artística. Nesse sentido, optei por chamar este relato de “A estética da Fé pelas mãos do Povo das CEBs” porque desejo falar sobre as formas de representação artística em que a Fé se faz presente pela prática (a *praxe*) do Povo de Deus.

A Fé é um ato estético

O povo dos sertões, quando intenciona dizer algo para que pensemos a respeito, diz que vai *puxar um caso*. Jesus Cristo também usou deste princípio, porque toda parábola é em si um caso e um jeito gostoso de envolver a todos numa conversa. Pois bem, segue meu caso.

Foi numa Sexta-Feira Santa nos anos de 1990, em Osasco, no extremo da cidade, no Jardim Bonança, quase divisa com outro bairro da periferia, o Jardim Portal do Oeste II. Eu era participante de uma das CEBs, a da Comunidade São Judas Tadeu. Habitava em muitos de nós o espírito da Teologia da Libertação, que muito nos fazia compreender criticamente as nossas vivências como jovens, filhos de migrantes nordestinos ou de caipiras, todos nós trabalhadores, militantes de movimentos sociais ou estudantis.

Cantar, cantava-se: “Sou, sou teu, Senhor! /Sou povo novo, retirante e lutador./ Deus dos peregrinos, dos pequeninos./ Jesus Cristo redentor (...) Para a terra prometida/ o povo de Deus marchou./ Moisés andava à frente./ Hoje Moisés é a gente/ Quando enfrenta o opressor (...)”. Entoavam-se as canti-

gas de Zé Vicente, como este “Bendito dos romeiros”, ao som de violões e tambores, de pandeiros e de vozes diversas nos sotaques que se dispunham a servir ao Povo de Deus nos fins de semana.

E volto de novo ao caso da Sexta-Feira Santa. A imagem daquela procissão do Cristo Morto foi, creio, minha primeira experiência estética significativa e multicultural, que mais tarde me lançaria aos estudos acadêmicos em Artes sobre as formas de o Povo viver a experiência visual da Fé.

Aquele cortejo em marcha de consagração me contava sobre singularidades, sobre cor, formas, técnicas, expressividade individual e coletiva, símbolos, intervenção no espaço urbano. Entoava-se a Deus do melhor jeito possível, cheio de belezuras. A

procissão tinha um destino, que era chegar à Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no Jardim Helena Maria: uma boa caminhada, mas talvez pequena a um povo que sempre caminhou levando consigo Deus sobremaneira vivo nos atos de devoção.

Sim, a Fé é um ato estético! Aquela procissão se constituía enquanto obra coletiva, em movimento, a qual era acrescida a cada jornada de mais cores, de mais formas, de mais Povo, e mais sons. Cada comunidade trazia ao cortejo novos materiais como faixas, fitas coloridas, velas acesas, cantorias, adornos, símbolos de Fé. Tudo isto transformava a marcha sagrada em obra visual. O Povo caminhava pelas ruas de terra, pelas ruas de asfalto, pelas favelas, pelas incontáveis ladeiras da zona norte de Osasco; pés calçados, pés em chinelos, Povo em atitude. Anos mais tarde, entenderia, pelas coisas que vim a aprender nos estudos acadêmicos, que o conjunto das *performances* (atividades) daquele grupo, e de outros tantos que tive a oportunidade de ver, era uma poética, a *póiesis* (ποίησις) ensinada pelos gregos,

“A estética da Fé pelas mãos do Povo das CEBs significa as formas de representação artística em que a Fé se faz presente pela prática”



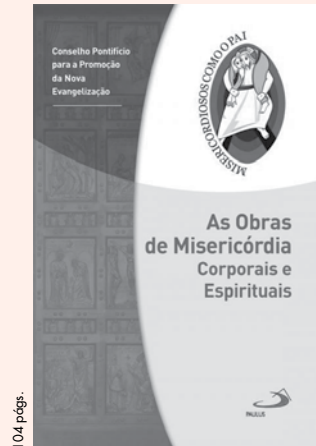
que quer dizer “um produzir que dá forma, um fabricar que engendra, uma criação que se organiza, ordena e instaura uma realidade nova (...)” (NUNES, 2002, p. 32). Criação aqui deve ser entendida como aquela atitude que dá nova forma àquilo que existe, mesmo que num primeiro momento não seja a coisa que virá a ser. Exemplifico isto: um pedaço de madeira não é uma cruz; largado num canto, sempre será um pedaço de madeira. Mas, se eu juntar dois pedaços desta madeira, cruzá-los, decorá-los e levar para a procissão, deixará de ser apenas pedaço de madeira e será símbolo de toda uma grande história de lutas com Cristo ao lado do Povo de Deus.

O Povo das CEBs sempre percebeu que a utilização daquilo que estava ao alcance das mãos, a materialidade, quando revista, quando repensada, se transformava em objetos estéticos que falariam ao Povo sobre esperança. Há tempos tenho pensado sobre as formas que o Povo tem para representar os elementos sagrados por meio dos materiais próximos. Em Piracicaba, interior de São Paulo, onde estudei a Festa do Divino, o Espírito Santo é representado em forma de pomba. Para quem conhece um pouco das tradições cristãs, de primeira talvez diga que a pombinha do Divino diz respeito à imagem da ave que aparece no batismo de Cristo (Lc 3,21-22). A resposta estará correta, embora incompleta. Não é objetivo deste texto discutir toda a simbologia que envolve as representações do Divino Espírito Santo. Rapidamente, no entanto, caberia dizer algo a respeito para que adiante pensem sobre a importância dos estudos estéticos na *praxe* do Povo das CEBs.

Oficialmente, somente em 1745 o papa Bento XIV “promulgou Constituição reconhecendo como figuração regular a que representa a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade sob o símbolo de uma pomba. A origem dessa simbologia encontra-se no Evangelho de São João (Jo 1,32-33) que assinala a participação do Espírito Santo naquele episódio

As obras de misericórdia corporais e espirituais

Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização



As obras de misericórdia corporais e espirituais inserem-se dentro do processo de solidariedade humana e especificam-lhe uma característica essencial. “Foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40): Jesus identificou-se com quem tem fome, sede, não tem roupa e é peregrino, está doente ou na prisão, com quem tem dúvidas ou está aflito e necessita de ajuda e de consolação para não cair na angústia.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





sob a forma de uma pomba, que, descida dos céus, abre as asas sobre a cabeça de Jesus” (MUSEU..., 1983, p. 30). A pomba é o primeiro destes elementos simbólicos da Festa do Divino, o outro figurado sempre atrás da pomba serão “as línguas de fogo”, referência ao Pentecostes (At 2,1-4), quando da presença do Espírito Santo entre os apóstolos reunidos no Cenáculo.

Dois aspectos precisam ser retomados: o primeiro diz respeito à utilização daquilo que está às mãos, ou seja, sobre os materiais utilizados para representar a Fé. Hoje é muito comum vermos as pombinhas do Divino confeccionadas em metal; nem sempre foi assim, já que a primeira materialidade do Povo, ainda mais a do Povo dos interiores do Brasil, de quem herdamos a maioria das festas religiosas, por certo foi a madeira, usada para a confecção de santos e representações do Divino. Volto, portanto, e acrescento algo àquilo que dizia linhas antes: o Povo reconhece naquilo que está ao alcance das mãos a forma sagrada, como se, em termos práticos, apenas tivesse revelando a obra oculta por uma camada material. Ao utilizar (ou ao reutilizar) materiais para fins de representação religiosa, renova o voto de aliança com Deus de maneira criativa, participando, desta forma do ato criador (Gn 1). O artista visual, o artesão da pedra, da madeira, do ferro, do material reciclado, que extrai da matéria a forma sagrada, traduz com suas mãos as histórias e as tradições do Povo do Deus. Não importa se este contexto é rural ou urbano, estas traduções revelam fatos de cultura, o modo como Deus se faz presente na vida social.

O segundo aspecto diz respeito aos estudos de estética na *praxe* das comunidades de

base. E aqui segue uma proposta: observar como o Povo de sua comunidade representa, ou trata, pela arte, as formas sagradas. Ao observar estas marcas próprias, é possível identificar elementos que falem sobre origens, valores culturais e modos de expressão da Fé. Este exercício equivale a uma leitura em que se observará como os temas bíblicos, a tradição

cristã, são interpretados. Se somarmos este levantamento feito em cada comunidade, e se apresentadas dentro de um encontro, por exemplo, paroquial, ter-se-á um panorama tão importante quanto qualquer outro censo para as reflexões que se queiram fazer. Quem sabe tal exercício não motive, em termos de paróquias, a organização de mostras de arte sacra, a revelação de talentos e uma rede de colaboração entre artistas.

Ainda dentro desta perspectiva, a leitura de textos e a discussão sobre arte são bem-vindas, desde que não se tornem

uma obrigação enfadonha. A arte tem de ser amiga da caminhada do Povo das CEBs e ser parte integrante da aceitação de um espírito que age na participação popular e nas tarefas apostólicas; a arte, primeiramente, deve servir à promoção da beleza e à apreciação.

Num passado, naquilo que chamamos de Idade Média, a arte serviu como instrumento didático e catequético. A maior parte do Povo não sabia ler, não tinha também acesso direto à Bíblia; logo as pinturas, por exemplo, cumpriam função de ilustração da história. Não acreditamos ser esta, hoje em dia, a única função da arte. Na prática das CEBs, a arte ajuda a representar melhor os valores culturais e artísticos expressos pelo Povo de Deus; é tanto expressão coletiva quanto individual de quem a produz. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) dizia

“O Povo das CEBs sempre percebeu que a utilização da materialidade ao alcance das mãos, quando revista, quando repensada, se transformava em objetos estéticos que falaria ao povo sobre esperança”



que a Arte estimula a vida. E isso parece ser bem verdade se pensarmos que a arte, ao traduzir pensamentos, ideias, textos e necessidades do Povo, convoca a vida a pensar sobre a própria vida e aquilo que age sobre ela.

Se puderem, visitem o Santuário Nacional de Aparecida. Na atualidade, o seu interior é um gigantesco convite a pensar sobre o que aqui tratamos. A ambientação interna é assinada pelo artista visual Cláudio Pastro (1948-2016). Cada pedaço dessa grande obra, além de nos remeter a diversos textos bíblicos, propõe-nos pensar sobre a história do catolicismo no Brasil e na América Latina, direciona-nos às ações pastorais e às lutas sociais, fala-nos de nosso folclore, da fauna e da flora brasileiras. Como toda boa obra de arte, requer tempo de apreciação: não basta passar os olhos pelas cores que nos chamam a atenção num primeiro momento, cabe olhar de perto, perguntando-se por que determinada informação foi tratada daquela forma e por que, assim elaboradas, são formas sagradas.

Embora eu tenha situado a decoração interna do Santuário Nacional de Aparecida como obra de grande dimensão, no chão de cada comunidade eclesial de base, nas paredes de cada salão que se torna capela – e digo isto pela experiência e observação próprias narradas no começo deste texto –, o coletivo promove o jeito de ser Igreja pela expressão estética e materialidade disponível ou conquistada. Deus, tornado matéria artística, é síntese do que o artesão entende como divino. É, portanto, um ato poético, pois, ao dar forma, ao aplicar cor ao objeto que representará a Fé, dá-se um ato de criação. O objeto que antes fora apenas tecido, linha, tinta, pedaço de madeira, flor de plástico, parafina, ferro etc. é conduzido de seu estado de indeterminação para o estado de realidade plástica plenamente determinada. Assim foi que percebi, mas só anos depois entendi, que, naquele “causo” que contei lá atrás – o da procissão rumo à Paróquia de

Amoris Laetitia

Sobre o amor na família – Exortação apostólica pós-sinodal do Papa Francisco

Papa Francisco



A alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja. Apesar dos numerosos sinais de crise no matrimônio – como foi observado pelos Padres sinodais –, “o desejo de família permanece vivo, especialmente entre os jovens, e isso incentiva a Igreja”. Como resposta a esse anseio, “o anúncio cristão sobre a família é verdadeiramente uma boa notícia”.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





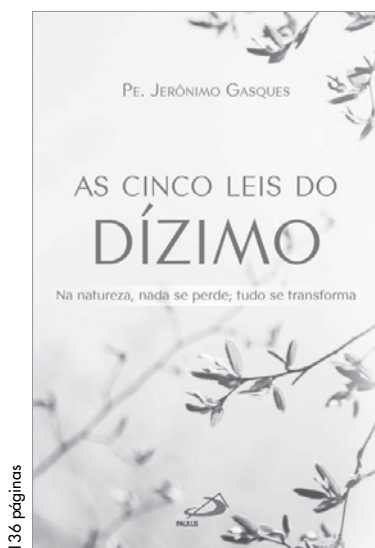
Nossa Senhora Aparecida, no Jardim Helena Maria, em Osasco, pelas mãos daqueles que conduziam respeitosamente e decoraram o andor em honra ao Cristo morto –, levavam não apenas o corpo representado do Salva-

dor, mas também o imaginário e a arte que nos povoam e dão força à caminhada, conferindo mais vida ao evento, justificado pelas mãos esperançosas do Povo, que produz a beleza.

Bibliografia

MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO PAULO. *Catálogo*. São Paulo: Banco Safra/Melhoramentos, 1983.

NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da arte*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2002.



As cinco leis do dízimo

Na natureza, nada se perde; tudo se transforma

Pe. Jerônimo Gasques

O livro reflete sobre o dízimo em cinco etapas, aqui chamadas de cinco leis do dízimo: contentar-se, aprender, colher, fidelizar (ter fé) e escolher. O livro propõe resgatar a proposta da Palavra de Deus em relação ao dízimo e descobrir quão maravilhoso é ser dizimista fiel e contribuinte, para que a comunidade tenha o suficiente para se manter, sem a necessidade de realizar festas e promoções.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



editorapaulus



Também na internet:
vidapastoral.com.br

* Aíla L. Pinheiro de Andrade, nj
– graduada em Filosofia e em Teologia. cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE (MG). Atualmente, leciona na pós-graduação em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP. É autora do livro *Eis que faço novas todas as coisas – teologia apocalíptica* (Paulinas). E-mail: aylanj@gmail.com



Aíla L. Pinheiro de Andrade, nj*

Todos os Santos

5 de novembro

Quem morará no santuário do Senhor?

I. Introdução geral

Cristo é a fonte da santidade dos cristãos. As situações mencionadas nas bem-aventuranças foram vivenciadas primeiramente por Jesus e, por isso, ele se tornou o critério pelo qual discernimos se estamos vivendo ou não de acordo com a vontade de Deus.

As situações concretas da vida são, às vezes, carregadas de sofrimento. Feliz é quem permanece fiel em momentos de angústia e crise. Em linguagem apocalíptica, feliz é quem alveja suas vestes no sangue do Cordeiro. Essa expressão significa assumir a veste nova do batismo em situação de grande perse-



guição, a ponto de se identificar com o Cristo crucificado. Os santos são aqueles cuja consciência de pertença a Cristo é tão forte, que estão dispostos a tudo por amor a Deus. O que move as ações deles é o amor ágape, o mesmo que moveu Cristo na oferta da própria vida na cruz.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 5,1-12a): Perseguidos por causa da justiça

As bem-aventuranças, em seu conjunto, constituem um estilo de vida, uma mensagem de esperança e uma ordem de batalha para aqueles que lutam pela implantação do reino dos céus e anseiam por sua chegada definitiva. O ponto de partida das bem-aventuranças são as condições concretas da vida humana. Há pessoas que choram, são injustiçadas, perseguidas, injuriadas e caluniadas por causa do reino dos céus e ainda assim permanecem mansas, pacificadoras, misericordiosas e puras.

No idioma de Jesus, o termo geralmente traduzido por “bem-aventurados” ou “felizes” é o imperativo dos verbos “avançar” e “prosseguir” (cf. Pr 4,14). Em um contexto de perseguição, as palavras de Jesus também podem ser assim traduzidas:

“Que avancem os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus!” Os “pobres em espírito” são aqueles cuja vida está apoiada em Deus, não nos bens materiais, e por isso sua luta não será em vão, mas alcançarão aquilo que esperam, a saber, o reino dos céus.

Que avancem os “mansos”, pois, embora atribulados, não agem com violência nem duvidam do amor de Deus por eles. Estes herdarão a terra e a usufruirão sem violência, como o desejam.

Que avancem os que têm “fome e sede de justiça”, a saber, os decepcionados com a justiça terrena, a qual não defende os inocentes e favorece os culpados. E, porque esperam unicamente na justiça divina, não serão decepcionados, mas alcançarão a vitória, viverão numa terra renovada, alicerçada na justiça.

Que avancem os misericordiosos, pois, como agiram à semelhança do agir divino, serão tratados por Deus com misericórdia e viverão num novo mundo, onde a misericórdia e o amor superam todas as coisas.

Que avancem os “puros de coração”, os que são transparentes, não enganam nem são falsos. Eles verão a Deus.

Que avancem todos aqueles que “promovem a paz” ou que produzem o *shalom* (prosperidade, bem, saúde, inteireza, segurança, integridade, harmonia e realização). Serão chamados filhos de Deus, o verdadeiro doador da paz.

Finalmente, que avancem os “perseguidos por causa da justiça”, os que sofrem perseguição por causa da fé, por causa do evangelho. Quem sofre por causa de uma participação ativa na construção do Reino não será decepcionado, mas verá o Reino acontecer. Os que se ajustam à vontade de Deus terão lugar no reino dos céus, onde a vontade de Deus é soberana.

Finalmente, que avancem as pessoas de boa vontade, verdadeiras promotoras dos valores do reino dos céus na história.

Quando as pessoas viverem essas situações, devem se lembrar de que foi isso que aconteceu aos profetas e mártires. É o preço que se paga pela fidelidade ao evangelho. Essas pessoas não estão sendo castigadas, como poderia afirmar a teologia da retribuição, mas estão sendo convidadas a ter a mesma atitude de Jesus diante do “mundo hostil” aos valores do reino dos céus. Estão sendo convocadas a viver sua fidelidade ao Pai, assumindo todas as consequências dessa decisão até que brote a vida em plenitude.



2. I leitura (Ap 7,2-4.9-14): Os que vieram da grande tribulação

O texto apresenta o destino reservado à Igreja colocada sob a eficaz proteção de Deus durante um período de perseguição. Isso não significa que os cristãos fiquem isentos do sofrimento, ao contrário, devem preparar-se para fazer frente a graves perseguições e, inclusive, para aceitar o martírio. A visão tem, portanto, o objetivo de animá-los a perseverar até a morte.

O primeiro quadro se desenrola com base no conceito antigo segundo o qual a terra seria quadrada, com ventos nocivos tendo origem em seus ângulos (cf. Jr 49,36). Os anjos recebem a ordem de não permitir que os ventos iniciem sua obra de destruição até que os fiéis tenham recebido o selo de Deus, que equivaleria a uma declaração de propriedade (cf. Ez 9,1ss). Isso significa que, em meio à prova, Deus dará aos seus servos fiéis as energias necessárias para que perseverem até a morte. Em resumo, os que foram associados à cruz de Jesus, ou seja, os que passaram pela grande tribulação, igualmente compartilham de sua glória no céu.

Os cento e quarenta e quatro mil (12 x 12.000) assinalados representam os fiéis provenientes das doze tribos de Israel dispersas sobre a terra. Em novo quadro, João viu uma multidão incontável, de todas as etnias, diante do trono do Cordeiro. As palmas que traziam nas mãos evocam as que eram usadas na liturgia judaica da festa das Tendias (Lv 23,40) para louvar o Deus de Israel.

As vestes brancas, alvejadas no sangue do Cordeiro (v. 14), significam que os mártires permaneceram puros, não se deixaram contaminar, seja pela idolatria, seja pela apostasia, e por isso sofreram a morte. Por causa de sua fidelidade, agora estão diante do trono do Cordeiro vitorioso, realizando uma liturgia celeste.

Conversão pastoral **Reflexões sobre o Documento** **100 da CNBB em vista da** **renovação paroquial**

José Carlos Pereira



72 págs.

Nesta obra, o autor analisa detalhadamente o Documento 100 da CNBB, sobre a renovação paroquial, ou a conversão, iniciativa que pretende alterar a maneira pela qual se formam as paróquias e dioceses, com foco maior na comunidade em torno delas. As paróquias devem ser os principais elementos da equação, retomando valores que foram se perdendo, como a Igreja ser um conjunto de pessoas, antes de um local de culto, entre outros.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





3. II leitura (1Jo 3,1-3): Os que esperam no Senhor

Deus nos amou a tal ponto, que não se contentou apenas em nos dar seu Filho único, mas nos tornou seus filhos adotivos. Esse tipo de amor (ágape) é extraordinário, prodigamente generoso e tem sua fonte em Deus mesmo; é uma realidade divina da qual nós participamos através da filiação que recebemos.

É de esperar que o “mundo”, tomado aqui em sentido pejorativo, designando uma contraposição a Deus e ao seu propósito, não reconhecerá que somos filhos de Deus. Em resumo, se o amor (ágape) é o que move nossas ações, então seremos estranhos ao mundo, que é movido por outros “valores”.

A dignidade de filhos de Deus é desconhecida do mundo e imperfeitamente conhecida pelos próprios cristãos, porque todos os efeitos dessa nova situação ainda não se manifestaram. A vida eterna já está em nós, mas se manifestará em plenitude somente quando o Cristo glorioso voltar na parusia final.

A esperança segura a respeito da manifestação plena da vocação humana à filiação divina é a motivação mais eficaz para o empenho em santificar-se. Essa esperança também é um dom gratuito de Deus a nos impulsionar na purificação. Do mesmo modo que os israelitas se purificavam com os ritos apropriados antes de entrar no templo de Jerusalém, assim também os cristãos devem purificar-se espiritual e

interiormente para entrar na realidade celeste do Cristo ressuscitado.

Dito de outra forma, o ser humano não pode ser salvo sem a graça e os méritos de Cristo, mas, ao mesmo tempo, o esforço pessoal também é necessário no processo de santificação. Não se trata de uma pureza meramente externa, mas sim de esforçar-se para configurar-se plenamente à vontade de Deus expressa na vida de Jesus.

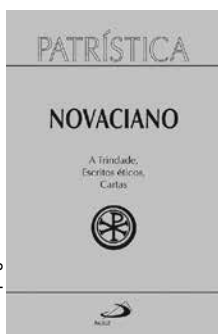
III. Pistas para reflexão

Os textos de hoje têm o objetivo de animar os cristãos e sustentá-los na perseverança e na fidelidade até a morte. As leituras nos mostram o quanto são felizes os que permaneceram fiéis até o fim.

A fidelidade à mensagem de Cristo é o grande desafio de nosso tempo. Muitas pessoas estão desencantadas com a Igreja por várias razões, sobretudo devido à falta de amor, o qual deve ser a marca característica da comunidade de Jesus. A igreja local, frequentada pelas pessoas em seu cotidiano, pode atrair mais pela misericórdia, por ser mansa e pacificadora.

É bom destacar na homilia que nossa preocupação principal deve ser com o testemunho de vida, e não com encher os templos com cristãos desencantados e pouco comprometidos. O testemunho da igreja local os reencantará para Cristo.

Muitas pessoas passam por grandes sofrimentos e se afastam da Igreja porque não en-



Patrística – A Trindade, Escritos éticos, Cartas – Vol. 37 Novaciano

Grças à crítica moderna, Novaciano foi tirado da obscuridade e reconhecido como o primeiro teólogo latino. Este volume, parte da coleção Patrística, traz alguns de seus escritos mais significativos: “A Trindade”, “Escritos éticos” e “Cartas”.

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

f @ t editorapaulus





contram explicações ou porque lhes foram dadas explicações desastrosas para suas angústias e sofrimentos. Se a Igreja é solidária com o sofredor, ele se sentirá seguro para permanecer fiel, mesmo sem entender o sofrimento que o sufoca.

Muitas vezes as desistências ou o distanciamento das pessoas em relação à Igreja são decorrentes da promessa de um cristianismo fácil e confortável, como retribuição pelas boas obras. Mas quando as dificuldades se anunciam, como é próprio da vida humana, as pessoas não têm a força interior para se manterem fiéis.

32º Domingo do Tempo Comum
12 de novembro

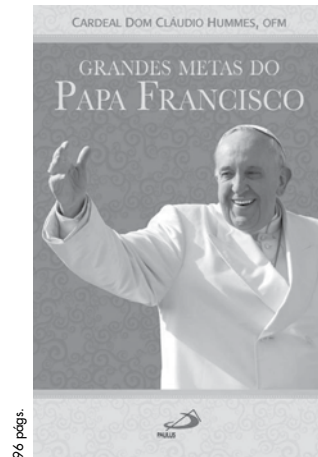
0 noivo está chegando

I. Introdução geral

Estamos chegando ao final do ano litúrgico e as leituras de hoje nos pedem vigilância. De fato, vigiar é a melhor forma de nos prepararmos para o encontro com o Senhor que vem. A vigilância da qual os textos nos falam é uma atitude de atenção constante à vontade de Deus. O noivo vem de surpresa, ele deve nos encontrar firmes, atentos aos sinais dos tempos, vivendo em fidelidade. Os contravalores do mundo atual nos desafiam a cada instante, é necessário permanecer na fidelidade aos valores do reino de Deus que nos foram legados por Jesus. Cotidianamente somos tentados a viver uma fé inautêntica e hipócrita, deixando-nos corromper pela mentalidade geral de levar vantagem em tudo. Muitas pessoas professam a fé cristã apenas por palavras, poucos são capazes de viver uma autêntica vida cristã em honestidade, justiça e misericórdia. Vigie mos para que, quando o noivo chegar, estejamos preparados para recebê-lo com um coração purificado.

Grandes metas do Papa Francisco

Cardeal Dom Cláudio Hummes, OFM



Papa Francisco foi eleito em março de 2013, num Conclave do qual participou o arcebispo emérito de São Paulo, Cardeal Dom Cláudio Hummes, franciscano, que lhe sugeriu adotar o nome de Francisco. Celebrando seu extraordinário pontificado, repleto de atitudes de autêntico espírito evangélico e iniciativas que vêm mudando os rumos da Igreja, Dom Cláudio, que continua muito próximo do Papa, pretende aqui "lembrar e expor, de forma breve, aquelas que são as principais grandes metas de seu pontificado", aproveitando também para homenageá-lo pela passagem de seu aniversário de 80 anos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





II. Comentários aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 25,1-13): Ide ao encontro do noivo

Essa parábola foi contada a partir dos costumes israelitas a respeito do casamento. As jovens amigas das noivas permaneciam aguardando a vinda do noivo, preparando-se para acompanhar o cortejo nupcial até o lugar onde aconteceriam as festividades do casamento.

As dez jovens são sinal da humanidade inteira, como amiga-esposa do Cristo, esperando as bodas finais da história. O óleo para as lâmpadas são os valores do evangelho que garantem participação no mundo vindouro. Cinco jovens são prudentes e não deixam o óleo se acabar, ou seja, representam as pessoas que sabem quais são as prioridades, que sabem se preocupar com o que é essencial. As outras cinco são imprudentes, ou seja, são pessoas engajadas na comunidade cristã que em alguns momentos se mostram entusiasmadas e em outros deixam o entusiasmo esfriar, tornam-se acomodadas e imediatistas.

O evangelho nos exorta a estar preparados e a viver em fidelidade, a acolher o Senhor no dia a dia. O óleo bem usado é aquele que ilumina à medida que a pessoa se consome feito uma vela, fazendo-se luz não para si mesma, como quem gosta de ser aplaudido, mas sim para iluminar os outros.

A parábola insiste na exigência de vigilância. Jesus narra essa parábola para que pensemos em nossa vida. A espera pelo noivo é arriscada porque alguns podem gastar o seu óleo, perder os valores do evangelho, esquecer que a lei de Cristo é o amor. Durante essa longa espera de mais de 2 mil anos, quantos não desperdiçaram seu óleo, perderam seu fervor, deixaram que a luz da fé se tornasse apenas uma chama fumegando. Somos chamados a cuidar do óleo e manter a lâmpada da fé, esperança e caridade sempre acesa, até que Cristo venha.

2. I leitura (Sb 6,12-16): Minha alma tem sede de vós

O autor do livro da Sabedoria vive numa época em que havia muito paganismo e poucas pessoas acreditavam no Deus de Israel. Era um tempo muito semelhante ao contexto atual. Por isso, o autor convida seus contemporâneos, e também a nós, a redescobrir os valores da fé no Deus verdadeiro. A esses valores ele chama de sabedoria, que é a arte de viver de acordo com a vontade divina. Nós devemos nos interessar por esse tipo de sabedoria e considerá-la como uma das coisas mais importantes na vida, muito mais valiosa que os bens terrenos. A sabedoria é um dom que Deus nos dá, um dom do Espírito Santo para sabermos como fazer a vontade divina e assim sermos felizes de verdade.

O texto também fala sobre a prudência, tema do evangelho de hoje. Na passagem que ouvimos, a perfeita prudência é uma qualidade de quem tem o dom da sabedoria. A prudência pode ser um sinônimo da sabedoria, mas, neste caso, é uma consequência de quem é sábio. A pessoa prudente sabe esperar, não é imediatista, não se deixa levar pelas ideias erradas da maioria das pessoas, não faz loucuras na vida. A pessoa prudente não é surpreendida pelos reveses da vida.

3. II leitura (1Ts 4,13-18): Estaremos sempre com o Senhor

Na segunda leitura vemos que os tessalonicenses estão preocupados com a proximidade da volta de Jesus. Querem saber o que lhes acontecerá naquele dia e também estão preocupados com seus entes queridos já falecidos: o que será feito deles na vinda de Cristo? Paulo nos assegura que a ressurreição de Cristo é a garantia de nossa ressurreição e que estaremos para sempre com o Senhor.

De fato, Cristo virá para concluir a história e inaugurar a nova e definitiva realidade. Enquanto isso não acontece, nossa tarefa como cristãos aqui neste mundo é configurar



a nossa vida à maneira como Cristo viveu, somente assim estaremos preparados para ir ao encontro com ele. Então, não devemos nos preocupar com “quando” e “como” será a vinda de Cristo, mas em viver bem os seus ensinamentos, praticando o bem na vida cotidiana, a misericórdia, o perdão e tudo o mais que Jesus ensinou.

III. Pistas para reflexão

O presidente da celebração deve enfatizar o aspecto da vigilância que as leituras nos pedem. Estamos nos aproximando do final do ano litúrgico, e o foco das leituras é o tema da vinda do Senhor no fim dos tempos e como devemos nos preparar para ela. O Senhor deve nos encontrar vigilantes, ou seja, comprometidos com o reino que ele anunciou e cuja concretização se aproxima.

Estar vigilantes é estar comprometidos com a luta pela justiça, pela fraternidade e pela paz. Isso significa empenharmo-nos para que as trevas do egoísmo e da violência sejam arrancadas do nosso coração. Em pequenos gestos cotidianos devemos dar o nosso testemunho de um mundo melhor. Não deixemos faltar o óleo da fé, esperança e caridade.

33º Domingo do Tempo Comum
19 de novembro

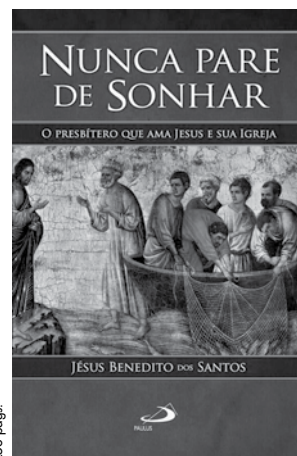
O dia do Senhor será uma surpresa

I. Introdução geral

A liturgia de hoje esclarece que Deus nos confiou dons a serem postos em prática. Isso significa que cada dom nos impele a um serviço dentro da dinâmica do reino de Deus. O dom que recebemos exige de nós um compromisso de trabalhar por um mundo melhor. O evangelho não é para ser retido, mas para ser proclamado e posto em prática. Contudo, além de um engajamento no proje-

Nunca pare de sonhar O presbítero que ama Jesus e sua Igreja

Jésus Benedito dos Santos



256 págs.

Este livro é um convite a todo cristão católico a continuar sonhando o sonho do Concílio Vaticano II, trabalho esse para colocar o mundo moderno diante do Evangelho de Cristo. No espírito do Concílio Vaticano II, o presbítero deve ser, no meio da humanidade, uma centelha de luz a direcionar o caminho para Deus. Para isso, não basta gostar de ser presbítero, é preciso amar e viver como presbítero, amando Jesus e sua Igreja.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





to de Deus, as leituras de hoje nos exortam ao testemunho. Precisamos ser testemunhas comprometidas com o reino de Deus.

Desde os tempos de Cristo, o evangelho foi visto com desdém pela maioria das pessoas. Por isso ainda hoje algumas vivem numa apatia da fé. São cristãos acomodados: sua fé é apenas um conjunto de verdades, e não dão um testemunho de vida. Muitos preferem enterrar seus talentos a ter de enfrentar o escárnio daqueles que vivem de acordo com a mentalidade geral da sociedade atual.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 25,14-30): Vigilantes e fiéis ao talento recebido

A parábola narrada no evangelho de hoje destaca dois exemplos opostos: há pessoas que fazem frutificar os dons confiados, enquanto outras, ao contrário, privam a si mesmas e aos outros dos dons por causa do medo e da apatia.

Os talentos que cada um recebe devem ser administrados. São nossos, mas permanecem sempre pertencendo ao Senhor, que os confiou a nós, e devem estar a serviço dele. Podemos dizer que tudo é nosso, mas é nosso para que o desenvolvamos e o coloquemos a serviço dos outros. A parábola põe em relevo a responsabilidade humana e, principalmente, dos cristãos. O evangelho é um valor que nos foi confiado, e devemos fazê-lo render no mundo em que vivemos.

É uma parábola para nos ajudar a avaliar nosso comprometimento com o evangelho, para descobrir a vida cristã como uma tarefa ou dom que devemos receber com gratidão, querendo que produza frutos. O talento principal que recebemos, o que nos vem pelo evangelho, é a vida tal como ela é, com sua capacidade de receber amor e de compartilhá-lo. Dessa forma, fazer render o talento é sim-

plesmente desenvolver essas capacidades humanas, sobretudo deixar-se amar e comprometer-se a edificar um mundo no qual haja mais amor e misericórdia.

O contrário disso é o comodismo, o medo de lutar para que haja mais paz e amor, comodismo que é consequência de deixar-se vencer pelo receio de não dar certo, medo de frustrar-se na busca do bem. A parábola nos chama a atenção para a ousadia da fé, provoca-nos a nos arriscarmos na esperança, para deixarmos que nossa vontade seja movida pelo amor.

2. I leitura (Pr 31,10-13.19-20.30-31): Igreja preparada pela prudência

A primeira leitura exalta os valores que devem revestir a pessoa que é virtuosa: vigilância, compromisso e generosidade. É exaltando essas características que termina o livro dos Provérbios, descrevendo todos esses aspectos a partir da imagem de uma mulher trabalhadora, bondosa e prudente. Essa mulher descrita pelo livro dos Provérbios administra sua casa com diversas pessoas, incluindo numerosa família com vários empregados. A prudência dessa mulher evita que essas pessoas passem necessidades, pois, além de ser providente, ela está preparada para solucionar algum problema que apareça de surpresa.

Trata-se de pessoa que administra os bens da família, a agricultura, a vinha e os teares e oficinas artesanais que confeccionam peças de lã e de couro. Apesar de o marido ser elogiado por causa dela, essa mulher do livro dos Provérbios não é mero acessório para o marido, mas é valorosa em si mesma. É igual a tantas mulheres de nossa época que mantêm sozinhas a família com o próprio trabalho unido à sua capacidade administrativa, trazendo o bem para a família em todas as atividades que fazem. Essas mulheres são símbolo da perspicácia e da prudência. E por isso são metáfora da Igreja, que, estando na história, aguarda e prepara a vinda do Senhor.



3. II leitura (1Ts 5,1-6): Que a vinda do Senhor não vos surpreenda

É possível que os tessalonicenses tenham perguntado a Paulo sobre o tempo da parusia, da vinda do Senhor. Paulo, entretanto, não dá uma resposta direta “quanto ao tempo e à hora” (v. 1), ao contrário, mostra que ignora esse dado completamente (v. 2 e 10) e insiste na vigilância e na sobriedade com a qual devemos viver em função daquele momento ignorado, para que não sejamos pegos de surpresa quando este chegar. Os tessalonicenses devem estar bem esclarecidos que será uma surpresa, “que o dia do Senhor virá como ladrão, de noite”, ou “como as dores de parto sobre a mulher grávida” (v. 2-3).

Mais do que ficarmos preocupados com quando irá acontecer a segunda vinda do Senhor, nós devemos levar a sério os conselhos de Paulo, a saber, que a incerteza e a surpresa da vinda do Senhor trazem consigo a necessidade de estarmos sempre preparados, vivendo na fidelidade aos ensinamentos de Jesus.

III. Pistas para reflexão

Vivemos em uma época com séria crise de convicções: temos dificuldades para assumir compromissos e para nos mantermos neles. Nunca se presenciou tanto uma apatia da fé. As pessoas se comovem com acontecimentos mundiais nos noticiários da televisão, mas não ajudam o vizinho, o colega de trabalho ou o necessitado com o qual se deparam na rua. A espera pelo Reino exige de nós a generosidade do engajamento e do testemunho de vida contra a apatia da fé daqueles que enterram seus talentos.

Muitas pessoas se preocupam com o fim do mundo e esquecem-se do fator mais importante: a vinda de Jesus para colocar as coisas em ordem, para nos proporcionar a paz e a harmonia que tanto desejamos. Viveremos em um mundo sem o mal, isso

é o essencial da vinda de Jesus. Portanto, não devemos ficar preocupados nem curiosos para saber quando será ou como acontecerá. O mais importante não é saber quando, mas estar preparado, vivendo de acordo com o que Cristo ensinou.

Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo

26 de novembro

Todos os povos da terra estarão reunidos diante dele

I. Introdução geral

A festa de hoje não tem por tema central o poder de Deus, como muitos pensam. Celebrar Cristo Rei do Universo significa, antes de tudo, a universalidade da salvação, ou seja, a boa notícia de que ela é oferecida a todos e de que Deus não faz acepção de pessoas. Celebrar a realeza de Jesus significa que a realidade que ele semeou (pequena qual semente de mostarda) vai se plenificar e dar frutos que podem ser usufruídos por todos. O objetivo de Deus sempre foi se manifestar a todos como Pai amoroso que perdoa incondicionalmente, que “faz nascer o sol sobre os bons e os maus” (Mt 5,45) e que deseja dar a todos a vida plena. Mas somente quando acreditarmos realmente que seu amor incondicional deve ser revelado a todos, a cada tradição e cultura – e que os povos necessitam receber a revelação divina através de sua própria sensibilidade para com o transcendente –, poderemos ser cristãos menos soberbos e mais humildes. Quando isso acontecer, Cristo será, de fato, soberano em nossa vida.



II. Comentários aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 25,31-46): Recebei o reino que o Pai vos preparou

O evangelho inicia com uma parábola para indicar a chegada definitiva do reino de Deus. A menção ao Filho do homem significa a volta de Jesus e o julgamento. Na Antiguidade, a principal função do rei era realizar julgamentos a partir do qual implantava a justiça, absolvendo os inocentes e castigando os culpados. Desse modo, a harmonia se instaurava na sociedade. Jesus usa essa linguagem da época como metáfora para indicar que o reino de Deus é justiça.

A tarefa de Jesus no fim dos tempos é indicada pelos termos Filho do homem, rei (sentado no trono) e pastor. Em primeiro lugar, mostra-nos, pela parábola, que a separação será realizada apenas no final. Para elucidar isto, compõe sua narrativa com imagens muito comuns naquela época. De fato, na região onde Jesus morava, os pastores cuidavam de ovelhas e cabras ao mesmo tempo. Os rebanhos eram mesclados. Somente ao cair da tarde, os pastores separavam os animais, porque as ovelhas suportam melhor o frio da noite, e as cabras tinham necessidade de dormir num abrigo, do contrário ficavam doentes. Com essa breve parábola, Jesus está afirmando que a separação entre pessoas boas e más será feita somente no fim dos tempos, à semelhança da separação do rebanho, feita no fim do dia. Este é o primeiro ponto do ensinamento de hoje.

Um segundo ponto é que, tanto no mundo quanto na Igreja, convivem misturados os que praticam o bem em favor dos sofredores e excluídos e aqueles que nada fazem pelas pessoas mais necessitadas. Portanto, não podemos passar uma linha no chão e dizer que, deste lado, o da Igreja, estão os que ajudam e, do outro lado, fora

da Igreja, estão os que não se sensibilizam pela dor do outro. Esta constatação de Jesus deveria deixar os cristãos menos arrogantes e mais humildes.

No mundo convivem os opressores e os oprimidos, os que acumulam muitas riquezas e os que passam fome. No mundo também estão aqueles que dão a vida em favor de um mundo melhor e o fazem sem nenhuma motivação religiosa.

Essa mistura permanecerá até o fim dos tempos, quando todos estarão diante do Filho do homem, que reinará sobre todas as nações. Somente aí se dará a separação, não entre os que são cristãos e os que não são cristãos, mas entre os que praticam o bem e os que não o praticam. A bem-aventurança do Reino é vivenciada por aqueles que compartilham a vida: alimentam o faminto, acolhem o peregrino, ajudam o enfermo etc. O contrário, a condenação, é vivida por aqueles que se fecham no egoísmo, estejam estes dentro ou fora da Igreja.

A surpresa neste tipo de julgamento é grande, pois tanto os que praticaram o bem quanto os que não o praticaram têm uma reação de espanto com o veredicto do rei, já que ambos os grupos esperavam que a separação fosse feita entre religiosos e não religiosos, crentes e descrentes. Isso mostra que o reino de Deus é muito diferente do que geralmente se pensa. É um reino de amor e de partilha, no qual não há lugar para o egoísmo, a intolerância, a indiferença etc.

2. I leitura (Ez 34,11-12.15-17): Vou apascentar minhas ovelhas conforme a justiça

Na época do profeta Ezequiel, o povo da Bíblia estava espalhado entre várias nações na vastidão do império da Babilônia. O texto compara essa situação com um rebanho disperso durante uma tempestade “num dia de nuvens e escuridão”. Mas, da mesma forma



que um pastor reúne as ovelhas após a tempestade, Deus vai reunir o seu povo novamente na terra que lhe deu por herança. Como um bom pastor, Deus irá recolher e contar o “rebanho” com cuidado para que todos possam estar seguros sob a proteção e os cuidados do Bom Pastor.

Ezequiel afirma que o Senhor vai lidar com as ovelhas de acordo com a necessidade de cada uma: “procurar a ovelha perdida, reconduzir a extraviada, enfaixar a da perna quebrada, fortalecer a doente e vigiar a ovelha gorda e forte” para que esta última não seja presa fácil das feras. Essas imagens evocam a justiça e o cuidado de Deus para com seu povo.

Continuando a comparação com a realidade pastoril daquela época, o profeta nos mostra a soberania de Deus, ao conduzir seu povo ao longo da história. O Senhor está empenhado em instaurar uma nova ordem das coisas, na qual a equidade estará em oposição à situação injusta do passado. As injustiças sociais vão desaparecer, porque o Senhor vai atender às necessidades de cada ovelha. A situação de opressão é representada pelo que acontece entre os animais do rebanho: os animais mais fortes chifram os mais frágeis, empurrando-os para longe do alimento. Foi algo semelhante a isso que fizeram os líderes de Israel com os pobres e necessitados. No antigo estado de coisas, os mais fortes e os mais poderosos abusaram da sua situação privilegiada para desprezar os direitos dos mais fracos. Por isso, o profeta afirma que Deus vai fazer “justiça entre uma ovelha e outra, entre carneiros e bodes”.

3. II leitura (1Cor 15,20-26.28): É necessário que ele reine

Na segunda leitura, Paulo está explicando aos coríntios o significado da ressurreição de Cristo para os cristãos. Ela é o resultado da poderosa intervenção do Pai

através da qual acontece a vitória de Cristo sobre a morte.

Para melhor explicar as consequências para nós advindas da ressurreição de Cristo, Paulo emprega duas figuras retiradas do Antigo Testamento. A primeira delas é a prática de ofertar as primícias a Deus. Primícias é termo que descreve os primeiros frutos (Lv 23,10-14), os quais eram ofertados a Deus e representavam a totalidade da colheita. Da mesma forma, a ressurreição de Jesus garante a nossa própria ressurreição, já que Cristo nos representa em sua oferta ao Pai.

A segunda figura tirada do Antigo Testamento é a de Adão. Paulo faz uma analogia entre dois homens representativos. O primeiro Adão representa todas as pessoas que vivem em um mundo caracterizado por egocentrismo, pecado e morte. Isto é, o primeiro Adão representa um modo de viver da humanidade. Em Cristo, novo Adão, o Pai realiza uma nova criação. Através de Cristo ressuscitado, a humanidade será vivificada na ressurreição final. Como o novo Adão é também criador e inaugurador de uma nova humanidade, de um novo modo de viver, essa nova criação começou em sua morte e ressurreição e terá sua consumação no fim dos tempos.

O reinado de Cristo, isto é, a era do Messias, teve o seu início com a ascensão de Jesus e sua exaltação à direita de Deus. A expressão “é preciso que ele reine” indica que Cristo deve continuar a reinar até o final, quando todos os adversários do reino de Deus forem destruídos, pois a vinda de Cristo vai aniquilar o pior dos poderes, a morte. O triunfo sobre a morte se dará mediante a ressurreição de todos os que pertencem ao Cristo. Isto significa que o fim último da caminhada do crente é a participação no reino de Deus, na vida plena, para a qual somos criados e recriados.



III. Pistas para reflexão

As leituras de hoje apontam para o fim dos tempos, pois somente aí o reinado de Deus, isto é, sua soberania se estenderá sobre todas as pessoas. Contudo, as leituras se referem muito mais ao presente da história que ao fim dos tempos: trata-se mais de quem somos e de como deveríamos agir do que de uma descrição de como será no final de nossa vida. Aquilo que viveremos no futuro após a morte, ou seja, na vinda de Jesus, depende do nosso modo de viver agora. É nosso modo de viver no aqui e agora que define a bem-aventurança ou a maldição futura no fim dos tempos. Podemos viver à maneira do antigo Adão ou do novo Adão. Podemos viver como aqueles que usufruem do triunfo de Cristo sobre o pecado e a morte ou como aqueles que, mesmo dentro da Igreja e aparentando santidade, vivem submissos ao egoísmo e ao pecado.

Hoje poderíamos atualizar as palavras de Jesus da seguinte forma: malditos todos aqueles que reduzem a religião somente a dogmas e ritos e não ensinam que religião verdadeira é partilhar a vida. Estes estão em conluio com todos aqueles que empobrecem e arrebatam os direitos fundamentais de seus irmãos, porque estão contra a única lei do Reino: o amor.

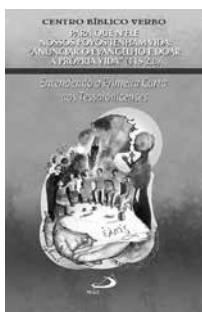
1º Domingo do Advento

3 de dezembro

Convertei-nos para que sejamos salvos

I. Introdução geral

Na liturgia de hoje, celebramos a certeza de que “o Senhor vem”. As leituras são muito ricas de elementos através dos quais recebemos orientações concretas de como viver a espera pela vinda do Senhor. O cristão, antes de tudo, deve configurar sua vida à de Cristo, o que significa romper com o pecado e fazer a vontade de Deus, viver em atitude constante de conversão. No entanto, tal atitude só é possível se nos reconhecemos pecadores, se olharmos menos para os pecados dos outros e tomarmos a firme decisão de levarmos a sério a vontade de Deus em relação a nós. Deus sempre nos perdoa; portanto, precisamos levar a sério o perdão que recebemos e nos tornarmos dignos de sua misericórdia, agradecidos pelo seu imenso amor. Realizar uma reforma íntima é a melhor atitude na espera pelo Senhor que vem. A decisão é nossa e podemos contar com o auxílio de Deus, que renova nosso coração.



136 páginas

Para que n'Ele nossos povos tenham vida: “Anunciar o Evangelho e doar a própria vida” (1Ts 2,8)

Entendendo a Primeira Carta aos Tessalonicenses

Centro Bíblico Verbo

Na missão de uma comunidade cristã no mundo greco-romano, marcada pela perseguição e tribulação, a Primeira Carta aos Tessalonicenses propõe a prática da fé, do amor e da esperança. Uma fé ativa na obra de Deus Pai e Mãe, um amor capaz de sacrifício para formar a fraternidade, e uma firme esperança para assegurar a caminhada rumo à construção do Reino da Vida.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



editorapaulus



PAULUS



II. Comentários aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 13,33-37): Vigiai porque não sabeis a hora

No evangelho de hoje, Jesus, no final de seu ministério terrestre, dá instruções a respeito de como se deve viver na espera pela sua nova vinda. As orientações de Jesus são direcionadas sobretudo aos discípulos (v. 33), mas não exclusivamente a eles, pois querem alcançar a todos (v. 37): “O que vos digo, digo a todos: Vigiai!”. Isso significa que, especialmente para a Igreja, Jesus deixou a tarefa do serviço e da vigília, à maneira de servos e de porteiros do reino de Deus.

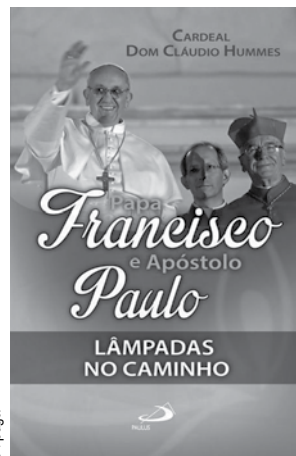
Mas vigiar não faz dos discípulos de Jesus meros servos à mercê dos caprichos de um amo imprevisível nem, muito menos, vigias à espreita para dominar os vigiados. A Igreja, comunidade dos seguidores de Jesus, é companheira de todas as pessoas nos caminhos da história, é companheira do Mestre, que a precedeu como dom generoso e lhe deu o mandato de levar a termo sua missão de instaurar o reino de paz e fraternidade.

Vigiar é a atitude de quem está sob a escuridão da noite, à espera da aurora do grande dia do Senhor, da vinda de Cristo, que a liturgia enfatiza através do termo *advento*. Os tempos atuais, no dizer de Jesus a seus discípulos, são como uma noite. A expressão “à tarde, à meia-noite, de madrugada ou ao amanhecer” (v. 35) são os quatro momentos nos quais se dividia a noite na Antiguidade: desde o pôr do sol, à meia-noite, ao cantar do galo, ao amanhecer.

É uma noite de espera e de esperança de tempos melhores, estamos no meio da noite antes da aurora da plenitude da redenção. A esperança vem do fato de que o Senhor esperado é o mesmo que se ofereceu por nós. O vigia é aquele que fica atento no serviço en-

Papa Francisco e Apóstolo Paulo Lâmpadas no caminho

Cardeal Dom Cláudio Hummes



64 pgs.

Este livreto contém breves considerações motivadas pelas orientações que nosso querido Papa Francisco vem apresentando sobre a urgência e a necessidade de uma transformação missionária da Igreja. Ao mesmo tempo, procura relacionar as palavras do Papa com as do Apóstolo Paulo, o principal missionário da Igreja nascente. Ambos são lâmpadas que irradiam a luz de Cristo sobre o mundo de hoje.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





quanto os outros estão desatentos e inertes em sono profundo. Por isso, vigiar foi a última recomendação de Jesus, ao concluir seu ministério terrestre. O vigia também deve enfrentar com coragem e determinação todas as adversidades que podem surgir durante a noite. Significa permanecer firme na esperança, animado pela certeza de que o Senhor vem. Portanto, o Advento, o período da espera, é tempo do compromisso com a construção do Reino. É tempo que nos pede compromisso com a conversão, para que o Senhor não nos pegue de surpresa, negligenciando suas ordens.

2. I leitura (Is 63,16b-17.19b; 64,2b-7): Pecamos, Senhor, mas somos obras de tuas mãos

A primeira leitura é uma oração do profeta, que intercede pelo povo a respeito da condição lamentável na qual este se encontrava: com o coração endurecido, longe dos caminhos do Senhor. O profeta apela, então, para o caráter paternal de Deus. A expressão “tu és nosso Pai” aparece duas vezes nesta passagem (63,16; 64,7). Deus é o pai de Israel não simplesmente porque criou esse povo, mas por tê-lo redimido. A redenção proporciona a participação em uma vida que se insere no amor e no projeto de Deus; que não pode ser reduzida a uma vida meramente físico-biológica.

O profeta pede uma teofania, uma manifestação que abale as montanhas, consideradas como colunas da terra. Na intenção do profeta, essa manifestação teria de ser um fenômeno tão visível e imponente como nunca fora visto ou ouvido antes, manifestação mais maravilhosa que os acontecimentos no Sinai, para ser lembrada como algo estupendo em favor daqueles que esperam por Deus. O profeta expressa enfaticamente esse desejo, mesmo estando ciente da falta de mérito do povo para receber tal revelação da parte de Deus.

Na percepção do profeta, os corações

endurecidos parecem ter fechado os céus, pois a expressão “céus abertos” simboliza a presença divina no meio de seu povo. Mas o Deus de Israel é um Pai cheio de amor e de misericórdia, que garante sua intervenção salvadora ao longo da história e sempre estará disposto a libertar seu povo do pecado, dando-lhe um coração renovado, capaz de amar.

3. II leitura (1Cor 1,3-9): Vosso procedimento seja irrepreensível

Na segunda leitura, Paulo faz uma saudação inicial na qual usa duas palavras carregadas de significado e que a Igreja em Corinto necessitava urgentemente: “graça e paz”. À saudação tradicional entre os judeus, “paz” (*shalom*), o apóstolo acrescenta “graça”, porque se deu conta de que a Igreja em Corinto necessitava de ambas. O problema fundamental era que os coríntios não respondiam corretamente à iniciativa da graça de Deus e, portanto, não usufruíam de verdadeira paz.

A graça de Deus se manifesta nos dons espirituais, os quais não têm um fim em si mesmos, mas motivam à gratuidade. Paulo sabe que o problema dos coríntios não era a falta de dons espirituais, mas a imaturidade daquela comunidade em relação aos dons, pois pensavam que, por meio destes, pudessem prever a segunda vinda de Cristo. Em contraposição a esse tipo de pensamento, Paulo chama a atenção para o testemunho que deve ser dado em favor de Cristo, para que esperem com perseverança o momento da revelação final do Senhor e, enquanto a esperam, mantenham-se irrepreensíveis. Pois Deus é fiel às suas promessas e assim devem ser todos aqueles que estão em comunhão com ele por intermédio de Cristo.

III. Pistas para reflexão

O contexto atual é marcado por violência e ganância desmedidas. Os seguidores de Jesus não estão isentos de sofrer as consequên-



cias de viver em um mundo que se configura desse modo. Da mesma forma como aconteceu com o Mestre, os seguidores de Cristo também serão entregues nas mãos das grandes potências deste mundo, mas, superando todo medo, devem anunciar o evangelho incessantemente. Jesus confiou a seus discípulos a vigilância em relação ao Reino. A comunidade cristã é, para os valores do Reino, o que um vigilante é para um banco, uma residência, uma loja.

Grande é nossa responsabilidade, devemos estar atentos para que o Senhor não nos surpreenda negligenciando a tarefa confiada. Esses valores são vigiados e protegidos quando são postos em prática pela Igreja. Isso significa que o Reino não é expandido através da pompa e das glórias deste mundo, ao contrário: buscando ser semelhantes ao Cristo, sendo considerados pelo mundo como fracos e perdedores, os cristãos protegerão os valores do Reino. Os evangelizadores são ameaçados à semelhança de seu Mestre, mas continuarão a oferecer o testemunho de vida em um mundo que insiste em persegui-los.

Em resumo, uma conversão contínua é necessária, pois, se o vigilante entra em acordo com o ladrão, então já será tão infrator quanto ele. Não podemos fazer acordo com o mundo, com a ganância, com a corrupção, com a intolerância e a busca desenfreada pelo poder. Vigiem!

2º Domingo do Advento
10 de dezembro

Consolai, consolai o meu povo

I. Introdução geral

As leituras de hoje têm duas tônicas complementares: conversão e consolação. Deus está empenhado em nos conduzir para um mundo novo ou realidade nova. Isso nos con-

Gestão eficaz Sugestões para a renovação paroquial

José Carlos Pereira



Quando se trata de gerir uma paróquia, é preciso ter ferramentas específicas, que vão além das comuns. Trata-se da mística e da espiritualidade fundamentadas na Palavra de Deus, que gera comunidade solidária. A proposta deste livro é planejar uma gestão paroquial mais eficaz para tornar a paróquia mais empreendedora, tendo atitudes mais ousadas e atualizadas; atitudes de pessoas consagradas ou leigas, conscientes de sua participação e missão na Igreja.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





sola e nos enche de esperança, porque significa que não ficaremos para sempre sofrendo as consequências do egoísmo e há solução para o problema do mal, o qual um dia terá seu fim. No entanto, o mundo novo que nos é oferecido por Deus somente poderá acontecer quando o ser humano fizer uma reforma íntima. Isso exige que estejamos sempre dentro de uma dinâmica de conversão, de transformação do homem velho em nova criatura, que nos empenhemos em pôr em prática a vontade de Deus e caminhemos na fidelidade.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 1,1-8): Preparai o caminho do Senhor

A liturgia de hoje nos oferece um texto que enfatiza a identidade de João Batista como mensageiro de Deus e iniciador do caminho de Jesus. Portanto, quem quiser celebrar bem o nascimento de Jesus deve passar por João Batista, entendendo o objetivo de sua vinda antes do Cristo.

A figura de João no deserto insere-se no advento do evangelho e do cristianismo, à semelhança da passagem do povo pelo deserto durante quarenta anos, a qual antecipou o nascimento de Israel como um povo consagrado a Deus. O deserto é um lugar de provação intensa ou tentação, mas também evoca o caminho do retorno, conforme as palavras de Is 40,3. Por isso, o evangelho de hoje apresenta João não apenas batizando, mas proclamando um batismo de arrependimento e de conversão. O verbo *proclamar* indica que o batismo realizado por João não é mero ritual, mas evento de salvação que ele veio para proclamar. Por isso, também, João não batiza em qualquer lugar, mas no rio Jordão, entrada para Israel, à semelhança dos hebreus quando foram libertados da escravidão do Egito e, atravessando o deserto, entraram na terra prometida através do mesmo rio.

Marcos relata que o batismo de João era com água e tinha como objetivo a conversão. Com a chegada do mais forte, ou seja, mais apto, o batismo será com o Espírito Santo e com fogo. Esse que virá, a saber, o Cristo, é que irá realizar a obra de Deus para a qual João está preparando as pessoas.

João Batista está seguro de que a vinda do Cristo trará consigo o fim dos tempos. Por isso, o profeta estabelece um movimento final de conversão, antes do fim iminente. Ele expõe aos seus ouvintes aquilo que considera ser a última oportunidade de conversão, porque, no seu modo de pensar, não haverá mais nenhuma outra oportunidade.

Dessa forma, João fica na fronteira entre o deserto e a Terra Prometida, abordando todos os habitantes de Jerusalém e da Judeia, como um personagem do fim dos tempos, e oferecendo uma oportunidade de conversão, antes da chegada do Cristo, a cada um daqueles que vêm ali e confessam os seus pecados. João nos convida a acolher o Cristo libertador, que nos dá o Espírito Santo para gerar vida nova ao nos introduzir na dinâmica do mundo novo que está por vir, a dinâmica do amor.

2. I leitura (Is 40,1-5.9-11): O Senhor vem para libertar

A primeira leitura nos garante que o Deus de Israel é soberano na história do mundo, embora algumas situações possam ofuscar essa certeza. Na época em que esse texto bíblico foi escrito, o povo de Deus passava por tempos de incerteza. Acontecia a sucessão do império babilônico pelo império persa, ou seja, o povo continuava sob a dominação estrangeira e não sabia se os novos senhores seriam piores ou melhores que os anteriores, situação que trazia uma onda agitada de preocupações.

Então o profeta introduz a boa-nova da redenção (v. 1-11); a mensagem de Deus para o seu povo é de consolo, porque chegou o tempo de redenção. Seu convite é que aceitem a salvação que Deus oferece. O profeta faz esse convite



através de um anúncio de esperança. O profeta garante a fidelidade de Deus e a vontade divina de conduzir o povo para a liberdade e a paz.

Uma imagem muito comum na época é usada, relacionada à forma com a qual se faziam as preparações para a viagem de um rei: os vales nivelados, os montes e colinas abaiçados, o caminho torto endireitado (v. 4). A voz proclama que Deus vem para levar seu povo da escravidão para a liberdade, da Babilônia para Jerusalém, ao longo de um percurso através do deserto. Deus será como um pastor à frente do rebanho, irá atravessar o deserto à frente de seu povo, que retorna do exílio babilônico para Jerusalém.

3. II leitura (2Pd 3,8-14): O Senhor virá em breve

A segunda leitura nos adverte de que não podemos ignorar que o Senhor é eterno e de que não existe o aparente atraso da segunda vinda de Cristo. A expressão “um dia é como mil anos e mil anos é como um dia” (v. 8) é tirada do Sl 90,4 e não se refere a um milênio como período histórico, mas simplesmente ao fato de que o tempo não afeta o Senhor, porque ele é eterno. Esse aparente atraso no retorno do Senhor, na verdade, deve ser interpretado como uma prova de sua paciência para conosco. É vontade do Senhor que ninguém pereça, mas os pecadores mudem de atitude.

A aparente descrição do fim dos tempos como se todas as coisas fossem desintegrar-se não deve nos meter medo. O autor não está querendo afirmar que tudo vai se acabar com o fogo. Ele usa o símbolo do fogo porque era o principal elemento purificador dos metais na Antiguidade. Era pelo fogo que se mostrava o valor de um metal precioso como a prata e o ouro. Da mesma forma, é nos períodos das maiores provas que se mostra a grandeza de nossa fé e santidade. Portanto, nossa vida e santidade devemos considerar como metal precioso, enquanto esperamos diligentemente a vinda do Senhor.

A expressão “céus e terra” serve para resumir toda a criação, por isso “novos céus e nova terra” significam apenas uma nova criação. O autor quer mostrar que haverá uma “nova terra onde habitará a justiça”. Ele não está interessado em apresentar um mapa dos eventos futuros, mas apontar para a esperança em transformar o nosso presente. Essa leitura nos convida a uma espera produtiva e transformadora do nosso comportamento. O texto bíblico nos exorta à conversão contínua e à transformação do mundo egoísta em reino de fraternidade e paz.

III. Pistas para reflexão

As leituras de hoje enfatizam o consolo por Deus ser eterno e agir sempre em favor de seu povo, mas, ao mesmo tempo, pedem que nos dispamos dos hábitos do comodismo, da indiferença, do egoísmo e da autossuficiência e aceitemos, outra vez, nos deixar guiar por Deus.

É tempo de conversão. Não estamos nos preparando apenas para o Natal em 25 de dezembro. Estamos nos preparando para a segunda vinda de Jesus e para o mundo novo que ele trará consigo. A celebração do nascimento de Jesus é um sinal que aponta para o reino definitivo, e somente participaremos dessa nova criação se mudarmos nosso modo de viver agora.

3º Domingo do Advento
17 de dezembro

Meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador

I. Introdução geral

No passado, assim como hoje, as pessoas viviam em situação de miséria, violência, guerra e muitos outros sofrimentos. Por meio de diversas pessoas, Deus garantiu que amava



seu povo, que não o abandonaria nos sofrimentos e dificuldades e que tinha um plano segundo o qual o mal chegaria ao final. Por isso, as leituras de hoje nos chamam a atenção para a alegria alicerçada na garantia de que Deus nos ama e nos propõe ajudá-lo na construção do seu reino de amor e paz. Deus espera nosso consentimento e nosso empenho nesse empreendimento de edificação da fraternidade, justiça, amor e paz. Portanto, nossa alegria é real, mesmo quando passamos por problemas e dificuldades, porque ela se baseia no amor de Deus por nós e na sua ação na história, sempre presente em nossa vida, assegurando sua fidelidade e realizando o seu reino, que em breve se plenificará.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 1,6-8.19-28): Ele está em meio a vós

O evangelho de hoje afirma que João Batista foi “enviado por Deus”. Esta expressão é frequentemente utilizada no Antigo Testamento e aqui significa que a missão do precursor não é humana, mas está alicerçada na vontade de Deus.

Após essa afirmação sobre João Batista, o evangelho faz clara distinção entre o precursor e Jesus. João veio como testemunha, o que indica o propósito da missão que Deus conferiu ao Batista. A afirmação de que João veio para “dar testemunho da luz” define mais especificamente a missão do precursor. O texto esclarece que a luz era o Verbo, o Filho de Deus.

“Para que todos cressem por meio dele” indica que o propósito da missão de João é despertar a fé nas pessoas. Fé que é muito mais que mero sentimento, pois exige mudança de pensamento e testemunho de vida.

O relato do evangelho continua com a vinda de uma delegação oficial dos fariseus enviada de Jerusalém para investigar o Batista. Os fariseus insistem em saber a identidade de

João e a natureza de sua missão, ou seja, queriam ter certeza de sua ortodoxia, se ele ensinava ou não de acordo com a doutrina.

Além disso, era dever dos líderes judeus, perante as autoridades romanas, a manutenção da paz na Judeia, pois, caso contrário, eles corriam o risco de perder sua posição de autoridade. João era uma daquelas pessoas que atraíam multidões, o que o tornava suspeito de provocar uma revolução.

João, ao final, identifica-se, recorrendo a uma citação do profeta Isaías (Is 40,3). Ele não é o Cristo nem o profeta, mas apenas uma voz conclamando as pessoas a se prepararem para a vinda de Cristo. É aqui que a missão de João tem a ver conosco, hoje, ao nos prepararmos para o Natal e para a segunda vinda de Cristo. É necessário prepararmos o caminho, isto é, remover todos os obstáculos que impedem a marcha da ação de Cristo em nossa vida.

Os fariseus também queriam saber com que autoridade João exigia batismo para os judeus. João responde, marcando nítido contraste entre ele e seu sucessor: deixa de lado a questão do batismo e aponta para o Cristo, desconhecido deles. Estabelece a grandeza daquele que está chegando em comparação à indignidade pessoal do precursor, usando uma imagem do cotidiano daquela época. O escravo tinha a tarefa de desatar a sandália de seu dono, mas nem disso João se sente digno. Assim, o Batista rejeita categoricamente qualquer pretensão de grandeza.

Devemos nos situar na mesma atitude de João Batista: dar a oportunidade ao mundo atual de acolher e de “conhecer” Jesus, “aquele” que o Pai enviou. O Cristo é o único que tem uma proposta de vida plena para a humanidade.

2. I leitura (Is 61,1-2a.10-11): Exulto de alegria no Senhor

A primeira leitura anuncia um tempo novo, de vida plena. No contexto em que foi escrito esse texto, havia muita desigualdade



social, muitos passavam fome, outros eram presos por causa do empobrecimento derivado de grandes dívidas causadas pelo aumento dos impostos. É nesse contexto que se levanta a voz do profeta, conclamando à criação de uma cultura de solidariedade, que se expresse, antes de tudo, em ajuda direcionada aos mais necessitados.

Contra aquele estado de coisas, eleva-se a ação libertadora do Servo mencionado pelo profeta:

“O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu e me enviou:

- para evangelizar os oprimidos;
- para curar os corações quebrados (as feridas da alma);
- para proclamar a libertação aos presos e a abertura do cárcere aos prisioneiros;
- para proclamar o Ano da Graça de Nosso Senhor;
- para confortar o aflito”.

O termo “para” indica o propósito messiânico da missão do Servo, que não é somente exigir dos outros que o façam, mas fazê-lo como um delegado de Deus e portador da salvação divina. Porque ele foi ungido pelo Espírito Criador e Salvador.

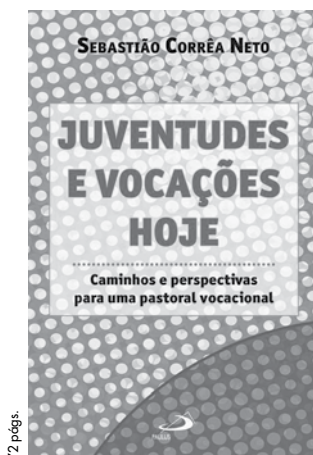
O “Ano da Graça” será o tempo definitivo, a plenitude da liberdade criadora de Deus, a qual, para nós, cristãos, acontece com Jesus Cristo. Essa missão do Servo foi plenificada por Jesus; ele nos tirou do cárcere do egoísmo e, portanto, cabe-nos levantar nossa voz em favor do sofredor para que a vida e a missão de Jesus tenham efeito em nossa época.

3. II leitura (1Ts 5,16-24): Estai sempre alegres!

Na segunda leitura, Paulo apresenta o cristianismo não como um conjunto de obrigações, mas como um modo de vida orientada para Deus na alegria, na oração e na ação de graças. Na vida orientada para Deus, o discer-

Juventudes e vocações hoje Caminhos e perspectivas para uma pastoral vocacional

Sebastião Corrêa Neto



Diante dos desafios encontrados na pastoral vocacional e evangelização da juventude, o autor decidiu disponibilizar este material em forma de livro e contribuir para a reflexão sobre o assunto. A temática parte do encontro de duas linhas de trabalho. De um lado, o acompanhamento da evangelização da juventude com seus desafios atuais, para os jovens e para a Igreja. De outro, o contexto da formação presbiteral, em confronto com as mudanças de época que desafiam tanto a colheita vocacional como os projetos formativos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja



PAULUS



nimento é um passo necessário para lidar com o inevitável risco de falsos carismas. Por isso, o apóstolo, logo a seguir, põe-se de guarda contra crenças ingênuas ou manifestações espirituais fantasiosas. Hoje, tanto quanto no tempo de Paulo, cresce cada vez mais a busca por supostos carismas extraordinários. Paulo chama a atenção para que se tome cuidado com certos tipos de profecias.

Em última análise, Deus é o autor de todos os dons concedidos aos cristãos. E a nossa santificação não é apenas desejo de Deus, mas é obra divina em nós. E a fidelidade de Deus às suas próprias promessas garante que ele mesmo plenificará em nós aquilo a que fomos chamados, a santidade.

Deus está comprometido com a humanidade e, por grande que seja a fragilidade humana, maior é a fidelidade de Deus. Então podemos nos perguntar hoje: Que atitude se deve assumir enquanto se espera pelo Senhor? Que tipo de comunidade vive fervorosamente a espera pelo Senhor?

III. Pistas para reflexão

Nossa época é marcada por uma multidão de seres humanos que vivem numa situação intolerável de carência de bens, de dignidade, de liberdade, de justiça, que não têm acesso aos bens essenciais (educação, saúde, trabalho, moradia), que não têm vez nem voz, que são explorados por sistemas econômicos que geram exclusão, alienação e miséria. Isso tudo nos causa profunda tristeza.

Mas Deus não abandona essa multidão, espalhada pelo mundo, à miséria e ao sofrimento. Deus tem um projeto de vida para cada ser humano esmagado pelo egoísmo, pela violência e pela omissão de muitos. Deus não é indiferente, não pactua com a exclusão, o racismo, o terrorismo, o tráfico de drogas, o imperialismo, a prepotência. Deus ama e se faz próximo de cada sofredor. Sua graça e seu amor dão forças para vencer o desânimo, o frio da noite, o calor do dia, o estômago vazio

e as forças da morte. Isso nos traz alegria.

Deus conta conosco para que, através de nós, ele possa demonstrar seu amor e seu cuidado a cada sofredor. Isso nos dá responsabilidade.

4º Domingo do Advento

24 de dezembro

Conosco está o Senhor Deus de Israel

I. Introdução geral

O projeto de vida plena, anunciado no Antigo Testamento, com a Encarnação do Verbo se torna uma realidade concreta, embora ainda não terminada. Deus nunca abandonou seu povo nem as promessas que lhe fez. Ao contrário, ao longo da história, preparou a humanidade para a vinda do Salvador e, com ele, a instauração de seu projeto de amor. Isso significa que a história universal não é caótica, não está fora de controle, pois Deus governa os acontecimentos, os quais servem ao seu propósito de revelar-se ao mundo. Deus se utilizou de todos os eventos da história para, através deles, vir ao encontro do ser humano. Esteve sempre conosco fazendo alianças, oferecendo-nos um modo alternativo de viver: em vez de egoísmo e violência, o amor e a paz. Deus sempre nos apontará um caminho para a vida e liberdade verdadeiras.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. Evangelho (Lc 1,26-38): Ele será chamado Filho do Altíssimo

O evangelho de hoje nos diz que Maria dialogou com Deus por meio de Gabriel e mostra que Deus não se impõe, não subjuga,



mas dialoga, busca um interlocutor humano e necessita da palavra de Maria, uma mulher, para que seu Filho nasça. Nesse momento decisivo, a mulher tem de agir como sujeito, quer dizer, com autonomia. Da palavra da mulher depende a Palavra de Deus, e nessa linha, no final do Advento, descobrimos Maria como uma mulher autônoma, amorosa, livre e determinada, capaz de colocar sua vida a serviço de Deus.

Deus pede a Maria um compromisso que ela deve assumir de forma pessoal, sem a consulta ou a permissão de um homem, seja pai, irmão ou marido. É a mulher (antes foi Eva, agora é Maria) quem decide. Isso é muito significativo, porque a história de Israel foi narrada sob a perspectiva de que Deus agia, geralmente, por meio do sexo masculino, com o qual fazia alianças. Agora, Deus rompe essa supremacia do homem, expressando o seu mistério por intermédio da fé e da acolhida de Maria à sua proposta.

Maria compreende o que Deus está propondo e por isso pergunta. Não resiste, não procura apoio em ninguém, simplesmente expressa sua dificuldade diante daquela proposta de Deus. Ela se sabe autônoma diante de Deus e, a partir de sua própria solidão e autonomia, lhe responde.

O anjo dialogou a sós com Maria, considerando-a como portadora da esperança messiânica. Isso rompe com o messianismo de tipo masculino, que se expressa numa visão segundo a qual o masculino aparece como privilegiado por causa de seu poder de engendramento e por sua capacidade de imposição e violência. Esse messianismo masculino está vinculado à figura de um rei triunfante, com insígnias de poder e guerra. Mas o anjo não se dirige ao homem, e sim à mulher Maria, que não aparece em confronto com ninguém. O messianismo proposto aqui é bem diferente do messianismo de cunho masculino, pois, em vez da violência humana, é por pura graça de Deus e pela ação de uma mulher que emer-

ge o Messias no mundo.

Foi porque Deus não lhe impôs nenhum tipo de tarefa, foi porque Deus pediu permissão, porque dialogou com ela, porque a chamou livremente, que ela pôde responder: “Eis a serva, faça em mim, com meu consentimento, aquilo que me foi dito”. Somente desta forma, com a colaboração ativa, se pode compreender e cumprir as esperanças de Israel.

A concretização do projeto de Deus somente é possível quando as pessoas dizem “sim” a Deus. Foi assim desde os tempos antigos de Israel, foi assim com Maria e com os discípulos de Jesus, e é assim conosco hoje.

2. I leitura (2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16): Eu serei para ele um pai e ele será meu filho

A primeira leitura nos mostra que o reinado de Davi havia se consolidado e nas suas fronteiras prevalecia a paz. O rei tinha o seu palácio, tudo parecia ter se estabilizado, mas a arca da aliança continuava em um santuário provisório. O relato afirma que Davi considerou esses fatos e confiou ao profeta Natã suas intenções de construir um templo para abrigar a arca. Natã aprovou, em caráter provisório, as intenções do rei, até que houvesse a confirmação definitiva da vontade divina.

Então aconteceu um giro inesperado: Deus se manifestou por meio do profeta Natã afirmando que não seria Davi quem lhe edificaria uma casa (um templo); ao contrário, seria Deus quem ergueria uma casa (dinastia) para Davi. Isto é, com essa profecia, o Senhor prometia a Davi a continuidade do reino por meio de seus descendentes. Trata-se de uma aliança entre Deus e a descendência davídica, firmada mediante a fórmula: “Eu serei para ele um pai e ele será meu filho”. É possível vislumbrar, nas entrelinhas desse relato, um descendente de Davi no



qual se realizarão todas as nuances e pormenores contidos no oráculo proferido por Natã. Um filho de Davi através do qual Deus oferecerá ao seu povo a estabilidade, o bem-estar e a paz. Esse oráculo e essa aliança, portanto, realizam-se por meio de Jesus.

3. II leitura (Rm 16,25-27): A fidelidade de Deus se confirma no evangelho

Esse texto é o resultado de uma reflexão teológica longa e profunda levada a termo no seio da comunidade cristã. Esses três versículos nos mostram uma grande verdade: o fio condutor da história humana é, sem dúvida, o projeto salvífico de Deus, escondido desde toda a eternidade, agora revelado em Cristo e proclamado pela Igreja a todos os povos.

O plano de Deus é um grande “mistério” desde a criação do mundo; no passado de Israel, os profetas vislumbraram alguns sinais do que Deus estava por fazer. E foi em Jesus que esse projeto se manifestou de forma clara e definitiva.

Resta a nós a missão de anunciá-lo durante o tempo que falta até a volta de Jesus; nisto consiste o seguimento e a fidelidade da Igreja em resposta à eterna fidelidade de Deus.

III. Pistas para reflexão

No mundo existe violência, injustiça, opressão, exploração... Mas as Sagradas Escrituras testemunham que Deus conduz a história humana e a direciona para um porto seguro, de acordo com o seu projeto de amor.

As promessas que Deus fez no passado foram suficientes para que Israel mantivesse firme sua fé durante milênios; hoje, essas promessas se concretizam em Jesus. Portanto, temos maiores e melhores razões para não temer o futuro do mundo. Os desafios que os aconteci-

mentos atuais lançam à nossa fé e perseverança devem firmar nosso desejo para o acolhimento desse rei em nosso coração e em nossa vida, pois ele é Emanuel, Deus-conosco. Digamos “sim”, a exemplo de Maria.

Natal do Senhor – Missa da Noite
24 de dezembro

O povo que andava nas trevas viu grande luz

I. Introdução geral

As profecias descreveram o Messias prometido com várias linguagens e títulos. Essa promessa alimentou a fé de Israel durante vários séculos. Hoje, nessa festa da luz, a esperança que animou o povo da aliança tornou-se realidade. A luz das nações, o Filho de Deus, manifestou-se na humildade, não veio como um guerreiro poderoso, mas na fragilidade de um recém-nascido. Hoje a fé cristã celebra sua primeira vinda, enquanto esperamos sua manifestação gloriosa, quando o dia eterno chegar.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. Evangelho (Lc 2,1-14): Um filho nos foi dado

A promessa feita ao povo de Israel agora se realiza. E é em Belém, cidade de Davi, que se desencadeia a história da salvação. A imagem do Salvador deitado numa manjedoura tem um sentido profundamente teológico. Na manjedoura, como na cruz, o enfoque é o despojamento de Jesus, o fato de ele estar à mercê da acolhida ou da rejeição por parte das pessoas.



Outro fato importante é o lugar de seu nascimento. É estranho que não houvesse lugar para José e Maria (v. 7), já que, no Oriente, a hospitalidade é sagrada, principalmente para uma mulher que dava sinais da proximidade do parto. Por isso, a frase “não havia lugar para eles” deve ter um valor teológico, a saber: a sombra da cruz se projeta sobre os primeiros dias de sua vida, também não tinha onde ser sepultado.

Se, por um lado, não tem lugar para nascer, por outro, é acolhido pelos pastores, acontecimento que é o cume teológico desta seção (v. 11). A promessa divina tinha sido feita a pastores como Abraão, Jacó, Moisés, Davi etc. Agora, Deus estava cumprindo sua promessa e, por isso, o anúncio aos pastores tem caráter de evangelho, que quer dizer “boa notícia”.

O sinal (v. 12) dado pelos anjos aos destinatários da boa-nova não é o fato de o Menino estar envolto em faixas, pois isso acontecia com todo recém-nascido (cf. Ez 16,4) para que ficasse aquecido e protegido de doenças. O sinal é que o menino está em uma manjedoura, ou seja, há aqui uma alusão à eucaristia (pão do céu). Esse sentido pode ser reforçado pelo nome da cidade, Belém, em hebraico *Baith-lehem*, casa do pão. Dessa forma, o “sinal” não é para que encontrem o Menino, mas uma garantia da comunicação sobrenatural a respeito dele (cf. Ex 3,12).

A narrativa termina com um hino de glória (v. 14). Esse cântico significa que o anúncio da boa notícia encontra eco no céu. A liturgia celeste se une à comunidade cristã para celebrar esse mistério. A paz a que se refere o hino é uma das expressões mais usadas para falar da salvação esperada no tempo do Messias (cf. Is 9,5-6). O cântico manifesta que a humanidade é amada por Deus e por isso o Salvador nos foi dado, Jesus é o dom do Pai.

Pastoral da escuta **Por uma paróquia em** **permanente estado de missão**

José Carlos Pereira



A Pastoral da Escuta é um braço da Pastoral da Acolhida. O agente dessa Pastoral escuta atentamente as necessidades e desabafos da pessoa e busca apontar caminhos de solução. Este subsídio apresenta os passos necessários, as ferramentas para auxiliar na implantação e manutenção da Pastoral da Escuta. A obra se coloca dentro do espírito do Documento de Aparecida e das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, com a intenção de contribuir no processo de evangelização e para o estado permanente de missão das comunidades paroquiais.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 5

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br/loja





2. I leitura (Is 9,1-6): Um menino nos nasceu

Zabulom e Nefitali foram as primeiras cidades do reino de Israel a ser atingidas pela invasão do grande império estrangeiro que deportou parte de sua população. Por isso, as profecias afirmavam que Deus devolveria a essas cidades sua antiga glória. As trevas que pairavam sobre aquela região seriam dissipadas quando um rei futuro inaugurasse uma etapa definitiva de justiça e paz.

A esse rei ideal foram atribuídas a sabedoria de Salomão, a honra de Davi e a religiosidade dos patriarcas e de Moisés. Ele seria a condensação das virtudes de seu povo. Um grande acento foi posto na sua sabedoria, critério exigido dos governantes de Israel, garantia de bem-estar para a comunidade. As expectativas messiânicas apontavam para um rei davídico ideal e, por isso, a Igreja primitiva viu no início do ministério de Jesus na Galileia, região onde ficavam aquelas cidades, a realização das antigas profecias.

3. II leitura (Tt 2,11-14): A manifestação do Salvador

Esse texto é o coração da carta a Tito e corresponde à tática de fundamentar a práxis cristã nos alicerces sólidos da fé. Em primeiro lugar, está o amor de Deus, que comunicou a graça da salvação a todos os seres humanos. Em seguida sublinha a esperança da manifestação gloriosa de Cristo. Finalmente, recorda a redenção dos pecados por meio da oferta de Cristo. Por todos esses fatores, estamos capacitados para toda a boa obra que nos configura a Cristo e nos põe a caminho da vida eterna.

O autor da carta vê a salvação como fruto de uma manifestação da graça de Deus (v. 11). Essa manifestação é a vitória de Cristo, a ressurreição, e nos ensina a viver de acordo com o dom da vida plena, renunciando a todos os “valores” da morte.

Ensina também a esperar a manifestação gloriosa do “grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo” (v. 13). As expressões “grande Deus” e “nosso Salvador” eram próprias dos cultos aos deuses e aos imperadores romanos. Aqui elas são direcionadas a Cristo, mostrando a fé da comunidade cristã como contestação ao império romano.

O v. 14 dá um conteúdo prático, mais que pedagógico, à redenção trazida por Cristo. Ele se entregou por nós e com isso nos salvou da iniquidade, purificando para si um povo escolhido e zeloso nas boas obras.

III. Pistas para reflexão

O nascimento de Jesus nos ensina, primeiramente, a grande benevolência de Deus, que envia seu Filho ao mundo como dom. É importante resgatar esse aspecto nos tempos atuais, pois as pessoas quase não experimentam mais o valor da gratuidade. Vive-se numa corrida desenfreada pelo bem-estar pessoal, em que as relações são baseadas na troca, e não na gratuidade da entrega de si.

Outro ensinamento importante que nos trazem as leituras desta liturgia é o desapego, a renúncia. O nosso Salvador nasceu numa manjedoura e morreu numa cruz. Isso expressa o modo integral como viveu sua vida. Não procurou honrarias nem benefícios próprios. Não se apegou à sua condição de Filho de Deus, mas viveu a total entrega de si, de sua vida, sem esperar das pessoas reconhecimento algum. Viveu à mercê da acolhida ou da rejeição das pessoas. Viveu livremente sua entrega de vida, sua doação ao outro.

A encarnação de Jesus Cristo vem nos ensinar que a vida humana é puro dom de Deus. E como tal, deve ser recebida e vivida como entrega de si. Somente dessa forma podemos curar o mundo do egoísmo, grande mal que desfigura o ser humano.



Natal do Senhor – Missa do Dia
25 de dezembro

O Verbo se fez carne e habitou entre nós

I. Introdução geral

A liturgia de hoje realça não apenas o nascimento de Jesus, mas sua origem divina. Aquele que estava presente na criação do mundo veio até nós para nos tornar filhos de Deus. Essa vinda já tinha sido anunciada pelos servos de Deus durante a primeira aliança. Agora, por meio do Verbo eterno feito existência humana, Deus nos fala definitivamente e efetiva sua presença soberana na humanidade. Jesus não é apenas mais um mensageiro de boas notícias, ele mesmo é o evangelho de Deus, ele é a salvação prometida.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 1,1-18): A luz resplandeceu nas trevas

João está descrevendo um novo começo. Se o livro do Gênesis registra a primeira criação, o primeiro versículo do Evangelho de João descreve a nova criação. Em ambas as ocasiões, o agente da obra criadora é o próprio Verbo (ou Palavra) de Deus. “Palavra” e “luz” são duas formas de falar da mesma realidade, a saber, que Deus entrou na história humana para reconduzi-la à plenitude.

A Palavra (ou o Verbo) se fez carne (v. 14). Na mentalidade hebraica, a palavra é o meio através do qual alguém se revela ou expressa seus pensamentos e vontade. No Antigo Testamento, o termo “carne” certamente não tem conotação pejorativa, não é a antítese de Deus; porém, representa tudo o que é transitório, mortal e imperfeito e, à primeira vista, incom-

patível com Deus (cf. Is 40,6-8). Dessa forma, a Palavra de Deus se opõe à carne.

Conforme o evangelista João, a melhor forma pela qual Deus se expressou foi na existência humana de Jesus. Nele, o que Deus é e o que ele espera da humanidade foram revelados. Jesus é o Verbo, o ser de Deus narrado em uma vida humana.

Em vez de uma força impessoal, ou um princípio abstrato e distante da situação humana, João utiliza o termo “Verbo” em um sentido muito pessoal, de um Deus que ama, se compadece e se identifica com os seres humanos, tomando sobre si sua natureza e sofrendo uma morte vergonhosa com o fim de prover um meio para a reconciliação do ser humano com seu Criador.

A luz veio ao mundo (v. 9). O Antigo Testamento se refere a Deus como a fonte da luz e da vida em várias passagens. O salmista indica que Deus é a fonte da vida e da luz (Sl 36,9). João, seguindo o conceito do salmista, afirma que o Verbo é a vida e a luz dos homens.

O termo “mundo” nesse texto significa o mundo dos homens e seus assuntos, o qual, concretamente, está submetido ao pecado e às trevas. A função da luz é basicamente combater ou vencer a obscuridade. “Trevas” é um termo metafórico que, no quarto evangelho, se refere a tudo o que se opõe à mensagem de Jesus, é a obscuridade moral e espiritual. Por isso, o tema da primeira parte do quarto evangelho é a fé e seu contrário, a incredulidade (como resultado da influência das trevas).

A totalidade da missão de Jesus foi uma espécie de conflito entre a luz e as trevas, culminando no Getsêmani e na cruz. Por isso, o verbo “vencer” cabe bem neste contexto. A luz brilha nas trevas e as trevas não tinham o poder para detê-la (v. 5), muito menos para vencê-la.

2. I leitura (Is 52,7-10): A verdadeira luz veio ao mundo

O profeta elogia a atividade de alguém que traz uma mensagem de salvação; o



mensageiro vem correndo e gritando, enquanto atravessa os picos das montanhas: “Teu Deus reina!”.

As sentinelas que estão de guarda nas muralhas de Jerusalém começam a vislumbrar o mensageiro. Ele se antecipa à caravana dos exilados que voltam à terra natal. Metaforicamente, Deus é descrito como um rei vencedor que, com seu exército, volta da guerra para a terra da promessa. O grito do mensageiro alerta para o fato de que Deus saiu vitorioso.

As sentinelas, em uníssono, repetem o grito do mensageiro e exortam as ruínas da cidade a unirem-se ao coro com gritos de júbilo porque o Senhor resgatou o seu povo, que estava sob o poder do dominador estrangeiro. Aos poucos, a notícia da restauração de Sião (Jerusalém) vai se espalhando pelo reino inteiro e por todas as nações.

3. II leitura (Hb 1,1-6): O resplendor da glória de Deus

Fundamental para a carta aos Hebreus é o fato de que Deus se revelou constantemente ao longo da história, dando-se a conhecer para que o ser humano o amasse. Mas agora, por meio de seu Filho, Deus fez sua revelação final, definitiva e superior a tudo o que foi revelado anteriormente.

Os primeiros versículos mencionam alguns contrastes entre o que foi revelado no passado e o que está sendo mostrado agora por meio do Filho. Primeiramente, aquelas revelações eram parciais, “em muitos fragmentos”, literalmente falando. A revelação efetivada pelo Filho é completa.

Também há uma oposição entre o outrora e o hoje, ou seja, aquilo que é revelado pelo Filho será sempre atual, nunca estará ultrapassado, jamais dará lugar a nenhuma outra revelação, porque não há um mensageiro superior ao Filho, o qual é a “expressão do ser” do Pai. Com essa afirmação, Hebreus enfatiza

a correspondência exata entre a natureza do Filho e do Pai, porque o termo grego ali empregado significa algo semelhante a um carimbo que deixa impresso no papel a figura que traz em alto-relevo.

As revelações nos tempos antigos vieram de muitas maneiras, a atual veio de um único modo, por meio de Jesus Cristo. Aquelas foram muitas, a última é única.

Com o vocábulo “profetas”, o autor de Hebreus se refere a todas as pessoas da antiga aliança que transmitiram às gerações seguintes a fé de Israel. Nenhuma dessas pessoas realizou a obra de Jesus Cristo, a saber, possibilitar nosso acesso à presença de Deus. Ao oferecer sua própria vida a Deus, Jesus realizou a purificação dos pecados de toda a humanidade, tornando possível nossa aproximação ao trono da graça.

A inclusão da obra de redenção na descrição de Cristo como agente de Deus na criação e na revelação definitiva indica a unidade básica entre esses dois eventos. Aquele que estava presente na criação é o mesmo a nos purificar dos pecados no momento da ascensão, quando penetra o santo dos santos no céu.

III. Pistas para reflexão

O Natal e a Páscoa são as duas grandes solenidades do calendário litúrgico. Uma remete à outra. Não se pode falar do Natal sem mencionar a Páscoa, pois, na cruz, a encarnação de Jesus aparece de forma mais concreta. A “prova” de que Jesus encarnou-se é sua morte. E uma morte infligida por aquilo que ele viveu.

Isso nos remete a uma nova reflexão sobre o seu nascimento. Jesus veio ao mundo para plenificar a criação de Deus. Para resgatar o ser humano do poder das trevas e reconduzi-lo à luz, mediante uma vida nova, ressuscitada. A Páscoa é a celebração dessa vitória da luz sobre as trevas. Por isso, já no Natal celebramos a ressurreição.



Sagrada Família: Jesus, Maria e José
31 de dezembro

Feliz quem ama o Senhor e anda em seus caminhos!

I. Introdução geral

A liturgia de hoje põe em relevo o fato de que o Filho se inseriu na humanidade, numa família, ele não é um mito. Ele fez o mesmo caminho de cada ser humano, pertenceu a um lar, a uma pátria e a uma cultura. Os percalços vividos pela família de Jesus não são muito diferentes dos que são experimentados por muitas pessoas ainda hoje. A família é a base dos valores; as atitudes de José e de Maria se tornam modelo de vida para os pais e mães hoje, animando-os a percorrer sua trajetória em atenção à vontade de Deus. Os demais textos são um desdobramento do quarto mandamento da Lei de Deus.

II. Comentário aos textos bíblicos

1. Evangelho (Lc 2,22-40): Jesus, Maria e José no templo de Jerusalém

A sagrada família chega ao templo de Jerusalém para os ritos de purificação da mãe e a apresentação do recém-nascido. Jesus é apresentado no templo porque ele é primogênito, e os ritos próprios da apresentação celebravam a libertação dos primogênitos dos hebreus no Egito e a passagem da escravidão para a liberdade (Ex 13,11ss). Coisas extraordinárias são ditas a respeito do menino pelo velho Simeão. Também uma viúva chamada Ana fala sobre o menino a toda a gente. José e Maria se admiram com essas palavras e gestos.

Temos aqui a sagrada família diante de Deus, no templo de Jerusalém, para concluir o tempo da promessa feita a Israel e iniciar o

tempo da salvação e da divulgação da pessoa e da mensagem de Jesus. Esse relato nos faz pensar sobre o papel atual da família. Nem sequer estamos seguros para definir o que vem a ser a família hoje. A família passa por uma crise de identidade, e mesmo assim ela ainda é uma das poucas instituições pelas quais alguém ainda se disporia a morrer. Não mais pela pátria, não mais pela Igreja ou por qualquer instituição as pessoas arriscariam a própria vida, mas sim por seus familiares.

A crise na família é, em parte, derivada das modernas concessões que transferem para outrem as responsabilidades que são dos pais e dos filhos. Muitas crianças são órfãs de pais vivos, passam o dia nas praças e nos sinais de trânsito, quando seus pais deveriam cuidar para que estivessem na escola, com acesso a educação e aprendizado sobre cidadania. Outras são entregues aos avós, que, apesar da velhice e das enfermidades, têm de assumir a responsabilidade pelos netos. Da mesma forma, filhos abandonam os pais idosos em asilos e abrigos filantrópicos, pois não aprenderam o significado do mandamento de honrar pai e mãe.

A família estável, fundamentada no amor do casal, que acolhem os filhos como dons de Deus, é a única viável e possível. Somente o amor fiel e verdadeiro entre o casal pode acolher e educar filhos como verdadeiros seres humanos, na transmissão dos valores que nos foram legados por Cristo. Além disso, a verdadeira família não é fechada em si mesma, mas age em interação com outras famílias, formando comunidades que difundem a responsabilidade e o cuidado de uns para com os outros. Por meio da interação comunitária também se corrigem posturas retrógradas e egoístas, fazendo com que o bem progrida na sociedade humana.

Seria bom dizer sobre a família o mesmo que é dito sobre Jesus no texto do evangelho de hoje: “crescia e tornava-se forte, cheio de sabedoria e da graça de Deus”.



2. I leitura (Eclo 3,3-7.14-17a): Quem ama o Senhor honra pai e mãe

A fidelidade para com o Deus da aliança exige o amor ao próximo. Isso implica numerosas exigências éticas. Entre elas, o livro do Eclesiástico dá referência ao amor que deve ser dispensado ao pai e à mãe.

O texto que foi proclamado hoje é um comentário ao mandamento de Ex 20,12. Não há desculpa alguma para o não cumprimento dessa norma. Na época em que o livro do Eclesiástico foi escrito, as motivações para seguir uma norma se baseavam num elenco de recompensas e de castigos decorrentes do cumprimento ou não do mandamento. Por isso, o texto adverte que Deus não atenderá às orações de quem não cuidar dos próprios pais. Da mesma forma, enumera as vantagens para aqueles que dão especial atenção ao pai e à mãe.

A recompensa para quem honrasse pai e mãe seria uma vida longa e próspera, porque naquela época as pessoas ainda não tinham clareza sobre a ressurreição dos mortos; portanto, a longevidade e a prosperidade eram o que de melhor poderia acontecer a uma pessoa.

Para o cristão, esse elenco de bênçãos e castigos não é necessário. Cristo nos deu o exemplo quando decidiu nascer numa família, e nós nos sentimos motivados pela ação do Espírito Santo a configurar nossa vida à vida de Cristo.

3. II leitura (Cl 3,12-21): O amor é o vínculo da perfeição

O texto da segunda leitura faz uma des-

crição da vida na comunidade cristã dos primórdios.

O emprego dos termos “eleito, santo, amado”, que antigamente se referiam a Israel, sublinha o fato de que os cristãos estavam conscientes de formar uma nova comunidade como povo de Deus, e isso devia se refletir em suas mútuas relações.

Segue-se uma lista de virtudes que destacam a transformação interna necessária para adquirir um novo comportamento, uma vida nova configurada à de Cristo, com humildade, mansidão, paciência etc.

A expressão “uns aos outros”, repetida duas vezes (v. 13.16), sublinha que as responsabilidades são mútuas. A obediência ao Senhor será demonstrada através do modo como as responsabilidades comunitárias e familiares são assumidas por todos como testemunho para o mundo. O elenco das regras familiares acentua muito mais as responsabilidades que os direitos de cada um. Isso é um testemunho para nossa época, na qual as pessoas geralmente colocam a exigência dos direitos em primeiro lugar, seja no ambiente eclesial ou familiar.

III. Pistas para reflexão

O presidente da celebração deverá destacar alguns problemas da família na atualidade sem, contudo, cair no sermão moralista e ofensivo. Não se trata de mencionar assuntos polêmicos, mas de orientar as famílias nas luzes do Espírito Santo. Destacar que Jesus está empenhado em resgatar o valor da família, pois ele mesmo quis pertencer a uma. ●

Folheto O Domingo

um periódico que tem a missão de colaborar na animação
das comunidades cristãs em seus momentos de celebração eucarística.

Assine: assinaturas@paulus.com.br